

PIEIDADE COM CONTENTAMENTO

Vincent Cheung

Título do original:

Godliness with Contentment

Copyright © 2002 por Vincent Cheung. Todos os direitos reservados. Esta publicação não pode ser reproduzida, armazenada ou transmitida no todo ou em parte sem prévia autorização do autor ou dos editores.

Publicado originalmente por [Reformation Ministries International](#)

PO Box 15662, Boston, MA 02215, USA

Tradução: Vanderson Moura da Silva

Revisão, Edição e Projeto Gráfico: Felipe Sabino de Araújo Neto.

Direitos para a língua portuguesa gentilmente cedidos pelo autor ao site *Monergismo.com*.

Salvo indicação em contrário, as citações escriturísticas são extraídas da NOVA VERSÃO INTERNACIONAL DA BÍBLIA, edição *online*, da Sociedade Bíblica Internacional (disponível em <http://www.ibs.org/bibles/portuguese/index.php>). Usadas com permissão.

SUMÁRIO

PREFÁCIO	3
1. O SIGNIFICADO DO DISCIPULADO	4
2. PIEDADE COM CONTENTAMENTO	13
3. ORIENTAÇÃO BÍBLICA E TOMADA DE DECISÃO	31
4. A MORTE DE UM CRISTÃO	44

PREFÁCIO

Este livro é uma coleção de quatro artigos sobre tópicos relacionados à vida cristã. Consistente com o modelo bíblico e com os meus outros escritos, em cada capítulo, primeiro vem o fundamento teológico e, em segundo, as ramificações práticas das doutrinas. Mesmo se admitíssemos a questionável distinção entre teoria e prática, o teórico define o prático, e é, desse modo, sempre superior e mais importante.

Na carta de Paulo aos Romanos, ele primeiramente expõe seus *insights* e argumentos teológicos em Romanos 1-11, e é apenas em 12-16 que algumas das implicações para o comportamento cristão são reveladas. Todo ensino cristão deve seguir tal modelo, de modo que o teórico permaneça superior, e o pragmático se torne secundário.

A mentalidade moderna, se é que dá atenção ao teórico, inverte, porém, essa ordem, o que explica a falta de compreensão doutrinária entre os cristãos, e a vida prática que eles tanto apreciam é roubada de seu alicerce. Tais indivíduos são “como crianças... jogados para cá e para lá por todo vento de doutrina” (Efésios 4:14). Ao negligenciar o doutrinário e o teórico, eles pecam contra Deus, e tal negligência impede-os de obedecer a ele na vida prática.

Por exemplo, uma tentativa de esquematizar as orientações bíblicas para a tomada de decisão é fútil, a menos que alguém já tenha determinado e compreendido a teologia da orientação divina. E, uma vez que a teologia sobre um dado tópico é exposta, a pessoa sagaz, amíúde, não tem necessidade de nenhuma ajuda na aplicação. Entretanto, devemos insistir que o conhecimento de Deus é valioso em si mesmo; seu valor não depende da aplicação. É melhor abandonar de uma vez por todas todo pragmatismo americano em prol do cristianismo bíblico.

Ainda que os capítulos seguintes pareçam se dirigir a vários assuntos distintos, todos eles enfatizam a necessidade de estudar e obedecer aos divinos preceitos de Deus; isto é, conformar o próprio pensamento e comportamento às palavras da Escritura.

1. O SIGNIFICADO DO DISCIPULADO

Há numerosas passagens na Bíblia que são importantes para desenvolver um entendimento apropriado do discipulado cristão e, assim, pode parecer enganoso intitular o presente ensaio *O Significado do Discipulado*, quando somente algumas passagens tais, e uma em particular, receberão nossa atenção. Não obstante, para transmitir o intento desta peça escrita, mas, ao mesmo tempo, evitar qualificações inconvenientes dentro do próprio título, deixaremos esse como está e prosseguiremos para ver o que podemos descobrir acerca do significado, ou pelo menos de parte dele, de ser um discípulo de Jesus Cristo.

Adotaremos como nosso texto principal Lucas 9:57-62, onde está escrito: “Quando andavam pelo caminho, um homem lhe disse: ‘Eu te seguirei por onde quer que fores’. Jesus respondeu: ‘As raposas têm suas tocas e as aves do céu têm seus ninhos, mas o Filho do homem não tem onde repousar a cabeça’. A outro disse: ‘Siga-me’. Mas o homem respondeu: ‘Senhor, deixa-me ir primeiro sepultar meu pai’. Jesus lhe disse: ‘Deixe que os mortos sepultem os seus próprios mortos; você, porém, vá e proclame o Reino de Deus’. Ainda outro disse: ‘Vou seguir-te, Senhor, mas deixa-me primeiro voltar e despedir-me da minha família’. Jesus respondeu: ‘Ninguém que põe a mão no arado e olha para trás é apto para o Reino de Deus’”.

Lucas registra aqui diálogos entre Jesus e três candidatos a discípulo, e parece que todos eles tinham certas falhas em seu compromisso em seguir a Cristo que, a menos que tomassem cuidado com elas, fariam com que o verdadeiro discipulado se tornasse impossível. São tais falhas que gostaríamos de examinar a seguir, a fim de podermos reconhecer falsas promessas de lealdade a Cristo tanto em nós mesmos quanto em outros.

A primeira pessoa vem a Jesus e diz: “Eu te seguirei por onde quer que fores”. Naqueles dias os indivíduos tendiam a ir à busca de seus próprios professores ou mestres, e havia aqueles filósofos que tentavam “repelir possíveis discípulos com exigências enormes, com o fim de testá-los e adquirirem para si os mais dignos”.¹ Visto que a Escritura diz que Jesus “conhecia a todos” e que “sabia o que havia no homem”, (João 2:24,25), podemos esperar que sua réplica a esse primeiro candidato fosse dirigida ao maior obstáculo que o impedia de oferecer devoção genuína a Cristo.

Por exemplo, quando “um homem importante” se aproxima de Jesus e pergunta: “Que farei para herdar a vida eterna?” (Lucas 18:18), sua resposta reflete uma capacidade para diagnosticar a exata condição do coração de alguém: “Falta-lhe ainda uma coisa. Venda tudo o que você possui e dê o dinheiro aos pobres, e você terá um tesouro nos céus. Depois venha e siga-me” (v. 22). Mas o homem não consegue obedecer a Cristo: “Ouvindo isso, ele ficou triste, porque era muito rico” (v. 23).

Voltando à pessoa em nossa passagem, Jesus lhe diz: “As raposas têm suas tocas e as aves do céu têm seus ninhos, mas o Filho do homem não tem onde repousar a cabeça” (Lucas 9:58). Não podemos saber precisamente o que esse indivíduo tinha em mente quando se ofereceu para seguir a Jesus, mas parece que ele não estava preparado para adotar o estilo de vida que era imposto para alguém ser um discípulo de Jesus naquela época. Jesus lhe diz que não tem um lar próprio em suas viagens, e que deve depender da hospitalidade e do apoio de

¹ Craig S. Keener, *The IVP Bible Background Commentary: New Testament*; Downers Grove, Illinois: InterVarsity Press, 1993; p. 215.

outros. Tornar-se um seguidor de Jesus necessariamente significaria sujeitar-se a si próprio a essa difícil maneira de viver.

Muitos professam ser discípulos de Cristo pelas razões erradas. Eles podem ter falsas expectativas com respeito a alguém que siga a Cristo, tal como alcançar uma vida de fama, bens e reconhecimento. Que alguns cristãos sejam sim bem-sucedidos de acordo com padrões mundanos somente serve para confirmar tais expectativas naqueles que se tomam cristãos por motivos errôneos. Não é que os cristãos não devam ser famosos ou prósperos, mas que não se deve ter tais coisas em mente ao responder ao chamado de Deus.

O homem moderno não é apenas o único que tem ilusões sobre o que a vida cristã possa trazer. Jesus diz em João 6:26,27: “A verdade é que vocês estão me procurando, não porque viram os sinais miraculosos, mas porque comeram os pães e ficaram satisfeitos. Não trabalhem pela comida que se estraga, mas pela comida que permanece para a vida eterna, a qual o Filho do homem lhes dará. Deus, o Pai, nele colocou o seu selo de aprovação” (João 6:26,27). Aqui, Jesus percebe que a multidão o seguia não “pela comida que permanece para a vida eterna”, mas porque eles haviam comido o pão milagrosamente produzido por Jesus antes. Entretanto, o verdadeiro discipulado é tal que não se trabalha “pela comida que se estraga, mas pela comida que permanece para a vida eterna”.

Conhecendo as falsas expectativas que muitos podem ter concernente à caminhada cristã, Jesus adverte: “Qual de vocês, se quiser construir uma torre, primeiro não se assenta e calcula o preço, para ver se tem dinheiro suficiente para completá-la? Pois, se lançar o alicerce e não for capaz de terminá-la, todos os que a virem rirão dele, dizendo: ‘Este homem começou a construir e não foi capaz de terminar’... Da mesma forma, qualquer de vocês que não renunciar a tudo o que possui não pode ser meu discípulo”. Quem não “renunciar a tudo” *não pode* ser um verdadeiro discípulo de Cristo.

Devemos ouvir essa frase novamente, numa época em que o apelo do púlpito para que as pessoas se tornem cristãs é proclamado como se apenas se exigisse uma decisão simples para aceitar alguma coisa, ao invés de um compromisso com uma total transformação tanto de pensamento quanto de conduta. Jesus repetidas vezes deixou claro suas exigências para aqueles que o seguiriam, e é estranho como suas chocantes palavras são frequentemente lidas com interesse, mas de um modo que não consegue desafiar e convencer a nós. Devemos afirmar que Jesus quer dizer o que diz, e que realmente *não se pode* ser seu discípulo e ao mesmo tempo violar as condições que ele apresenta: “Se alguém vem a mim e ama o seu pai, sua mãe, sua mulher, seus filhos, seus irmãos e irmãs, e até sua própria vida mais do que a mim, não pode ser meu discípulo. E aquele que não carrega sua cruz e não me segue não pode ser meu discípulo” (Lucas 14:26,27).

Repetindo, não estamos dizendo que ser um discípulo de Cristo necessariamente acarrete pobreza ou certos tipos de sofrimento. Muitos cristãos são bem prósperos, levando vida relativamente confortável, enquanto outros diariamente correm o risco de martírio. A questão é, quando você promete a Jesus: “Senhor, eu te seguirei por onde quer que fores”, sabe de fato o que está dizendo? Você está reconhecendo seu total senhorio sobre sua vida, e se dedicando a cumprir seus ensinamentos? Ou supõe que ele seja um instrumento com que você realizará suas próprias aspirações carnis? A vida de alguns cristãos não reflete dedicação total a Cristo, mas somente um desejo para justificar sua perseguição às próprias visões de grandeza para si mesmos, ao produzirem uma versão cristianizada do “sonho americano”.

Após lidar com os primeiros candidatos a discípulo, Jesus pede a um segundo homem que o siga. “Mas o homem respondeu: ‘Senhor, deixa-me ir primeiro sepultar meu pai’” (Lucas 9:59). Em primeiro lugar, se o pai daquele homem tinha acabado de falecer, ou se a família estava atravessando o período de luto, então ele não estaria ali falando com Jesus. Entretanto, um ano após o enterro inicial do morto, após a carne do cadáver ter ficado decomposta, o filho voltaria e colocaria os ossos numa caixa especial para ser enterrada outra vez numa abertura na parede do túmulo. Em outras palavras, o homem pode estar requisitando até um ano de demora antes que seguisse a Jesus. Mas, se o seu pai está ainda vivo e ele está primeiro esperando seu falecimento, então a demora solicitada seria indefinida em extensão.

Na mente dos judeus, é a sagrada obrigação dos filhos comparecer ao enterro dos próprios pais e, por conseguinte, o que essa pessoa diz parece demonstrar uma nota de piedade filial que não pode ser culpada. Entretanto, Jesus dá essa chocante resposta: “Deixe que os mortos sepultem os seus próprios mortos; você, porém, vá e proclame o Reino de Deus” (v. 60). A frase contém um jogo de palavras com os dois casos da palavra “mortos” tendo diferentes sentidos.

O primeiro “mortos” é figurado. Pode referir-se a indiferença de alguém, falta de relação, ou mesmo hostilidade para com uma coisa; ou a palavra pode ser usada para indicar uma falta de influência de algo sobre a pessoa. A parábola do Filho Pródigo fornece um exemplo de tal uso: “Pois este meu filho estava morto e voltou à vida; estava perdido e foi achado” (Lucas 15:24). Estar “morto” no sentido aqui empregado é estar “perdido” espiritualmente. O segundo caso da palavra deve ser tomado literalmente como se referindo à morte física, visto que o objeto do enterro é o fisicamente morto.

A declaração de Jesus no versículo 60 pode, portanto, ser parafraseada assim: “Deixe que os espiritualmente mortos enterrem os fisicamente mortos, mas você deve ir e pregar acerca do reino de Deus”. Ou, como Leon Morris escreve: “Deixe aqueles sem discernimento espiritual desempenharem as obrigações que eles sabem fazer tão bem; enterro é bem aquilo que os espiritualmente mortos podem observar. Mas o homem que tem a visão não deve negar ou retardar seu chamado celestial”.²

A exigência de Jesus de colocá-lo acima da honra de alguém pelo pai viria a ser um grande choque à mente judaica, tanto quanto o é ao moderno não-cristão. “A linguagem, não menos do que a exigência é intransigente a ponto de serem ofensivas”.³ Mas dado que isso é o que Jesus requer, tal nível de comprometimento não deve ser considerado como extraordinário ou opcional; antes, ele o exige como um pré-requisito para o discipulado a fim de que uma pessoa não ponha nada nem ninguém antes dele, nem mesmo os próprios pais.

Lucas 14:26 diz: “Se alguém vem a mim e ama o seu pai, sua mãe, sua mulher, seus filhos, seus irmãos e irmãs, e até sua própria vida mais do que a mim, não pode ser meu discípulo”. Alguém que recusa por Cristo em primeiro lugar não é apenas um discípulo inferior; ele *não pode* ser seu discípulo em absoluto. Aí, muito da pregação contemporânea falha em não esclarecer isso para sua audiência: que a fé genuína não é uma “decisão” superficial para aceitar a Cristo como salvador, mas um verdadeiro assentimento mental ao evangelho como um todo, reconhecendo a reivindicação de Deus sobre a pessoa inteira,

² Leon Morris, *Luke (Tyndale New Testament Commentaries)*; Grand Rapids, Michigan: William B. Eerdmans Publishing Company, 1988; p. 197.

³ *New Bible Commentary*; Downers Grove, Illinois: InterVarsity Press, 1994; p. 915.

advindo da anterior regeneração do coração pelo Espírito Santo. A propagação de um falso evangelho tem levado ao ingresso de numerosos falsos convertidos para dentro da igreja. A recusa de fazer um compromisso imediato e total indica uma falta de sinceridade, e expõe o fato de que ainda não se fez do seguir a Cristo a prioridade primeira na vida.

Amiúde ouvimos dos cristãos professos que gostariam de protelar o oferecimento de seus serviços a Deus. Há algumas desculpas óbvias, tais como, que primeiro eles desejam desfrutar de tudo que o mundo tem a oferecer, ainda que a Bíblia diga que a satisfação derivada dos pecados seja apenas “prazeres transitórios” (Hebreus 11:25, ARA). Por outro lado, há aqueles que inventam o que parecem ser razões “nobres” para não levarem sua fé com sinceridade de imediato. Alguns deles podem dizer que conseguem servir melhor ao reino de Deus devotando suas energias para a geração de riquezas, pelas quais eles então contribuem para com a difusão do evangelho. Outros dão desculpas similares.

Eles argumentam que o efeito em longo prazo de seus planos justificará a presente condição espiritual deles. Disparate! Vamos acreditar que os fins justificam os meios, tais que nós — não, Cristo mesmo — devamos tratar com leviandade a atual negligência deles na oração, suas doutrinas heréticas, suas práticas moralmente repreensíveis nos negócios e outras tais? Se Cristo sequer permite que o enterro do próprio pai se torne uma razão legítima para a demora temporária em segui-lo, todas as outras razões propostas são desculpas inaceitáveis. Eles não desejam renunciar a Cristo abertamente, mas ainda se recusam a segui-lo no presente. Dizer que o protelar de alguém em servir a Deus definitivamente resultará em maior serviço a ele é apenas uma tentativa de dar uma face atraente à desobediência explícita contra Deus.

Alguns podem, todavia, tentar justificar a si mesmos alegando que estão servindo a Cristo “do seu próprio jeito”. Porém, uma vez mais, estão somente pondo um rótulo espiritual na obra que eles gostariam de fazer em primeiro lugar, contribua ela à causa cristã ou não. Mas, pela nossa passagem, entendemos que o “serviço no reino de Deus” (v. 62) é equivalente a “proclamar o reino de Deus” (v. 60).

Não é querer dizer que todos devam entrar no ministério de tempo integral — dado o deplorável nível de espiritualidade e de compreensão teológica dos cristãos da atualidade, é melhor que a maioria deles continue de fora, permanecendo onde estão. Em todo caso, pode-se ser um fiel discípulo de Cristo como trabalhador da construção civil, profissional da área médica ou ministro cristão. Contudo, a questão é que aqueles que alegam estar servindo a Cristo “de sua própria maneira”, quando oposta à maneira explicitamente prescrita pela Bíblia, estão apenas seguindo suas agendas pessoais em nome de Cristo. Tal coisa pode tomar diferentes formas, de empreendimentos de negócios a projetos humanitários.

Devemos perguntar a nós mesmos: nossos planos e metas estão honestamente consistentes com a causa de Cristo? Realmente temos interesses do reino de curto e longo prazos em mente? Ou estamos simplesmente aliviando nossa consciência descrevendo nossas ambições egoísticas em vernáculo cristão? Quem não está ativamente trabalhando sua espiritualidade pessoal e contribuindo de alguma forma para o avanço do reino de Deus *agora mesmo* não é um discípulo de Cristo.

O ensinamento bíblico faz com que fiquem inaceitáveis todas as razões propostas quanto ao porquê alguém deve protelar em dar à própria fé o primeiro lugar na escala de prioridades. A maioria das desculpas que ouvimos hoje nem mesmo remotamente soa tão

nobre quanto àquela dada pelo segundo candidato a discípulo. A escusa “deixe Jesus esperar até que eu fique rico e famoso” não ficará de pé debaixo do julgamento divino, mesmo se alguém planeja dar a maioria dos lucros a ele — “Ele não é servido por mãos de homens, como se necessitasse de algo” (Atos 17:25). A única maneira aceitável de servir a Deus é aquela por ele prescrita. Em outras palavras, dê-lhe o que ele exige, não o que você acha que ele deva exigir. Aqueles que imaginam que Cristo permite qualquer flexibilidade nessa área simplesmente não são, nem podem ser, seus discípulos.

Vamos agora ao diálogo entre Jesus e o terceiro candidato: “Ainda outro disse: ‘Vou seguir-te, Senhor, mas deixa-me primeiro voltar e despedir-me da minha família’. Jesus respondeu: ‘Ninguém que põe a mão no arado e olha para trás é apto para o Reino de Deus’” (Lucas 9:61,62). Muitos comentaristas percebem nessa passagem uma alusão ao chamado de Eliseu (1Reis 19:19-21) mas, ao passo que foi permitido a ele por Elias dar adeus à sua família e aos seus amigos, Jesus não permite nem mesmo isso.

Essa pessoa dá o que, mais uma vez, parece ser uma razão aceitável, da perspectiva do não-cristão, para adiar o compromisso pleno com Jesus. Contudo, damo-nos conta agora de que nada que ponha um “mas primeiro” antes do chamado do Senhor é aceitável. Quando Deus chama um homem, não há nada que venha antes da obediência a tal chamado. Não deve haver nenhum “mas primeiro”, não importa o que isso possa ser, visto que a ordem divina é primeira.

Jesus responde ao homem dizendo: “Ninguém que põe a mão no arado e olha para trás é apto para o Reino de Deus”. O típico arado de mão era feito de madeira, de peso leve e, freqüentemente, tinha uma ponta de ferro. Seu uso apropriado requer ininterrupta atenção do lavrador, guiando o instrumento com sua mão esquerda, e aguilhoando os bois com a direita. Desviar o olhar imediatamente resultaria num sulco torto. A afirmação de Jesus também contém uma referência à mulher de Ló: “Lembrem-se da mulher de Ló! Quem tentar conservar a sua vida a perderá, e quem perder a sua vida a preservará” (Lucas 17:32,33).

A metáfora é uma figura do que acontece na alma de uma pessoa. O caso é o de alguém que hesita em deixar para trás sua vida anterior para buscar a Cristo. Escreve Paulo: “Mais do que isso, considero tudo como perda, comparado com a suprema grandeza do conhecimento de Cristo Jesus, meu Senhor, por quem perdi todas as coisas. Eu as considero como esterco para poder ganhar Cristo e ser encontrado nele, não tendo a minha própria justiça que procede da Lei, mas a que vem mediante a fé em Cristo, a justiça que procede de Deus e se baseia na fé” (Filipenses 3:8,9).

Note que ter uma justiça “que vem mediante a fé em Cristo” não é uma meta a ser alcançada após se tornar um cristão, mas, antes de tudo, o que significa tornar-se um cristão. Devemos abandonar a má compreensão de que se é salvo aceitando o evangelho em concordância superficial. Ser um cristão, absolutamente, é considerar “considero tudo como perda, comparado com a suprema grandeza do conhecimento de Cristo Jesus...”.

Enganados pelo falso evangelho pregado em muitos púlpitos hoje em dia, alguns têm a idéia de que se pode tornar primeiro um cristão, e então, como acréscimo opcional, escolher se tornar alguém completamente dedicado. Ou, pode-se ter salvação como um “cristão comum”, mas se tornar um “discípulo” posteriormente. A Bíblia desconhece tal cristianismo. Jesus diz: “Da mesma forma, qualquer de vocês que não renunciar a tudo o que possui não pode ser meu discípulo” (Lucas 14:33). O verdadeiro assentimento ao evangelho requer

conformidade a todas as exigências inerentes à mensagem evangélica, e que é o reconhecimento da reivindicação divina sobre a pessoa toda. Ainda que não se espere a perfeição sem pecado, uma radical (pela raiz)* mudança de direção ocorre na mente na hora da conversão, ou então não ocorreu conversão em hipótese alguma.

Grandemente preocupado com o grande número de falsos convertidos introduzidos na igreja nos anos recentes através de uma mensagem do evangelho distorcida, “que, na realidade, não é o evangelho” em absoluto (Gálatas 1:7), Ernest Reisinger escreve: “Quando aqueles que são declarados convertidos não agem como crentes, não amam o que os crentes amam, nem odeiam o que os crentes odeiam... deve-se encontrar uma outra explicação além de chamá-los a se decidirem em favor de Cristo. Isso eles já fizeram e já foram declarados “cristãos” pelo pregador ou obreiro que os evangelizou. Quando eles não agem como crentes, algo está errado. O que é? A doutrina que procurei refutar afirmar que tais pessoas são apenas “crentes carnis”; não fizeram de Cristo o “Senhor” de suas vidas... Com muita freqüência o evangelismo moderno substitui a “decisão” pelo arrependimento e pela fé salvadora... O poder do evangelho neo-testamentário motivará os homens a não descansarem até que tenham evidências bíblicas de que nasceram de Deus. Ele perturbará aqueles que, sem boas razões, acreditaram que já eram crentes. Despertará pessoas desviadas, afirmando que existe a possibilidade de que jamais serão crentes verdadeiros, enquanto permanecem nessas condições... Não há certeza maior do que esta: um coração não-transformado e uma vida mundana levarão os homens ao inferno... Não é apenas no mundo, hoje em dia, que o evangelismo é necessário. Ele é necessário na própria igreja”.⁴

A próxima vez em que você estiver na igreja, olhe ao seu redor — em alguns lugares, a maioria das pessoas será de falsos crentes, que nunca foram regenerados por Deus. Não importa se pareçam ser fervorosos na oração, atentos ao sermão, ou que durmam durante o culto. Se nunca houve uma radical transformação dentro de sua alma, então ela está destinada ao inferno. O melhor ainda é: “Examinem-se para ver se vocês estão na fé; provem-se a si mesmos. Não percebem que Cristo Jesus está em vocês? A não ser que tenham sido reprovados!” (2Coríntios 13:5).

Este não é o lugar para uma completa teologia sistemática sobre a verdadeira conversão-justificação-santificação*, mas por ora basta citar esta terrível citação dos lábios de Jesus: “Nem todo aquele que me diz: ‘Senhor, Senhor’, entrará no Reino dos céus, mas apenas aquele que faz a vontade de meu Pai que está nos céus. Muitos me dirão naquele dia: ‘Senhor, Senhor, não profetizamos em teu nome? Em teu nome não expulsamos demônios e não realizamos muitos milagres?’ Então eu lhes direi claramente: Nunca os conheci. Afastem-se de mim vocês, que praticam o mal!” (Mateus 7:21-23). Não é isso um pronunciamento horripilante? Como manda o apóstolo Paulo: “ponham em ação a salvação de vocês com temor e tremor” (Filipenses 2:12). Mas os eleitos não precisam ser oprimidos com terror: “pois é Deus quem efetua em vocês tanto o querer quanto o realizar, de acordo com a boa vontade dele” (v. 13). Jesus é, a um só tempo, “autor e consumidor da nossa fé” (Hebreus 12.2).

Voltando ao nosso texto, o teólogo alemão Dietrich Bonhoeffer observa: “O terceiro aspirante a discípulo... cai numa inconsistência desesperançada, pois ainda que esteja pronto o

* ‘Radical’ e ‘raiz’ vem de uma mesma palavra do latim (n. do T.)

⁴ Ernest C. Reisinger, *Existe Mesmo o Crente Carnal?*; Editora Fiel; p. 30-32.

* Assunto abordado em *Teologia Sistemática*, obra do mesmo autor, já traduzida para o português e também disponível no site Monergismo.com (n. do T.)

suficiente para compartilhar a sorte de Jesus, ele consegue colocar uma barreira entre si mesmo e o Mestre... O discipulado para ele é uma possibilidade que somente pode ser realizada quando certas condições forem cumpridas... O discípulo coloca a si próprio à disposição do Mestre, porém, ao mesmo tempo, retém o direito de ditar seus próprios termos. Mas então o discipulado não é mais discipulado, mas um programa de nós mesmo disposto para que se nos seja adequado. O problema com esse discípulo é que, ao mesmo tempo em que ele expressa sua prontidão em seguir, ele cessa de querer fazê-lo de todo... Discipulado significa adesão a Jesus somente, e de imediato”.⁵ Aqueles que ditam as condições e o tempo para o discipulado não podem ser discípulos de Cristo.

Jesus diz que um verdadeiro discípulo não olha para trás. Assim como o trabalho do lavrador exige que a sua atenção à tarefa não seja dividida com outra coisa, também quem “olha para trás” não está qualificado para o serviço do “Reino de Deus” (v. 62). Jesus não diz que alguém não pode se sobressair como discípulo se olhar para trás, mas que tal pessoa não pode ser seu discípulo em hipótese alguma. É hora de levarmos essa afirmação a sério. Para ser um seguidor de Cristo, não há lugar algum para hesitação, distração ou lamento. “Quão penetrante é esse teste para aqueles que professam ser cristãos!... A religião é tudo, ou nada. Aquele que não está deseioso de sacrificar tudo pela causa de Deus, não está realmente deseioso de sacrificar nada”.⁶

Escreve Matthew Henry: “Se tu olhas para trás, para uma vida mundana outra vez, e suspiras por ela; se tu olhas para trás como a mulher de Ló o fez para Sodoma, que parece ser aludido aqui, não estás apropriado para o reino de Deus... Aqueles que começam com a obra de Deus têm que resolver prosseguir com ela, ou não farão nada dela. Olhar para trás predispõe a recuar, e recuar é para a perdição. Não estão aptos para o céu aqueles que, tendo postos suas faces em direção a ele, desviam o olhar para o derredor. Mas aquele, e somente aquele, que perseverar até o fim, será salvo”.⁷ A religião deve ser tudo ou nada. Deve permear e dominar toda parte do pensamento e da conduta; de outro modo, nossa fé não é genuína.

Encontro pessoas que acham que as diferenças religiosas podem ser postas de lado de uma forma que não possam afetar nossas relações com os outros. Mas, se os compromissos religiosos são em definitivo, como o devem ser, então qualquer relacionamento não afetado por tais compromissos deve ser notavelmente superficial. Se uma pessoa é capaz de ter uma relação pessoal profunda com uma outra de religião diferente, somente pode significar que nenhuma delas está realmente devotada à sua respectiva fé. Um cristão que tem compromisso com o Senhor Jesus terá toda porção de sua vida dominada por sua fé. Para se ter um relacionamento mais do que superficial com um não-cristão, seria necessário então transigir para a outra parte. E ter a mais profunda espécie de relação com tal pessoa, como no casamento, não é permitido pela Escritura em absoluto.

Repetindo, somente comprometendo sua fé é possível a um cristão professo (digo *professo*, visto que os cristãos de fato certamente não comprometerão sua fé) ter uma profunda relação com um não-cristão. Isso porque, uma vez que eles foram além de um nível superficial de interação, a inimizade entre as duas cosmovisões opostas tomar-se-á por demais óbvia. Mas, se transigir não é uma opção para o crente genuíno, então, a menos que o não-

⁵ Dietrich Bonhoeffer, *The Cost of Discipleship*; New York: Touchstone, 1995; p. 61, 121.

⁶ Albert Barnes, *Barnes' Notes on the New Testament*; Grand Rapids, Michigan: Kregel Publications; p. 211.

⁷ Matthew Henry, *Matthew Henry's Commentary on the Whole Bible – Complete and Unabridged in One Volume*; Hendrickson Publishers, Inc., 2001; p. 1855.

cristão se converta (a única espécie de “transigência” que o cristão deve aceitar dos outros no final das contas), nenhuma comunicação verdadeiramente significativa é possível. O não-cristão rejeita o que o cristão crê acerca das questões mais profundas da vida, enquanto o cristão não pode aquiescer ao ponto-de-vista do não-cristão.

É Jesus quem diz: “Não pensem que vim trazer paz à terra; não vim trazer paz, mas espada. Pois eu vim para fazer que ‘o homem fique contra seu pai, a filha contra sua mãe, a nora contra sua sogra; os inimigos do homem serão os da sua própria família’” (Mateus 10:34-36). *Haverá* conflitos entre cristãos e não-cristãos. Os genuínos compromissos religiosos não são algo que possam ser postos de lado. De outro modo, por que os incrédulos que afirmam desejar comunhão conosco recusam-se a converter ao cristianismo? Assim, contrariamente ao que dizem, eles reconhecem que importam sim os compromissos religiosos, e que o que alguém crê acerca das questões últimas é mais importante até do que os relacionamentos familiares. A diferença é que eles são hipócritas acerca disso — muitos incrédulos que dizem que valorizam os relacionamentos gostariam de nos por à parte dos princípios bíblicos, enquanto se apegam às suas próprias religiões e cosmovisões.

Um teólogo observa que somente Deus já exigiu dedicação total da parte dos seres humanos da maneira que Jesus o faz em nossa passagem. Justamente! E isso é o que devemos ter em mente, que, quando estamos lidando com Jesus Cristo, estamos decidindo sobre nossas vidas em relação com alguém que nada mais é do que o próprio Deus. Nossa presteza em segui-lo, portanto, reflete nossa atitude para com Deus — pois ele é Deus.

Muitas pessoas que garantem seguir a Cristo estão mentindo acerca disso — estão usando sua profissão cristã como uma capa para ocultar suas próprias aspirações pessoais. Continuam a perseguir seus próprios planos egoísticos, só que, agora, escondem suas verdadeiras intenções descrevendo seus estilos de vida como sendo para o bem do reino. A maioria da pregação contemporânea dilui a mensagem bíblica nesse assunto, e serve apenas para alimentar o problema. O chamado de Cristo ao discipulado exige a transformação e a dedicação da pessoa como um todo.

Com a igreja contendo tal mistura de verdadeiros e falsos discípulos, como podemos distingui-los uns dos outros? E por qual padrão devemos examinar a nós mesmos? Jesus nos dá uma resposta direta em João 8:31: “Se vocês permanecerem firmes na minha palavra, verdadeiramente serão meus discípulos”. O discipulado genuíno é caracterizado por ouvir, compreender e obedecer aos preceitos divinos. Quem crê e obedece à palavra de Deus será salvo por ela, mas quem a rejeita será por ela destruído. “As [sementes] que caíram em boa terra são os que, com coração bom e generoso, ouvem a palavra, a retêm e dão fruto, com perseverança” (Lucas 8:15) — tal é o verdadeiro discípulo de Cristo, que possui uma fé que obedece e persevera.

Como mencionado no início, há vários textos bíblicos que precisaríamos estudar para o nosso entendimento do discipulado cristão ser completo. Entretanto, nenhuma daquelas passagens remove as condições acima expostas; antes, apenas fazem exigências adicionais sobre as vidas daqueles a quem Deus chama. No mínimo, então, temos que seguir a Cristo sem reservas, demora ou lamento. Devemos segui-lo aonde quer que ele nos conduza, mesmo para lugares e situações que não esperamos. A obra do reino deve ser nossa prioridade máxima. E não devemos olhar para trás uma vez que tenhamos nos esforçado por esse estilo de vida, como se anelando pelo que outrora tínhamos, ou pelas vidas que outros que não o seguem tenham. Quantos daqueles que professam a Cristo o seguem dessa forma? Ser

discípulos autênticos não pode ser nada menos do que isso. Por conseguinte, lute para se certificar de seu lugar no reino — pare de enganar a si próprio — para que seu trabalho para Cristo não venha a ser em vão.

2. PIEDADE COM CONTENTAMENTO

Em sua segunda carta a Timóteo, o apóstolo Paulo prediz que “nos últimos dias sobrevirão tempos terríveis” (2Timóteo 3:1), referindo-se ao mal que se tornaria característica da população em geral. Entre outras coisas, diz que “os homens serão egoístas... arrogantes, blasfemos... ingratos, ímpios... traidores, precipitados, soberbos...” (vv. 2-4). Dentro dessa longa lista de características ímpias, ele indica que as pessoas também seriam “avarentas” (v. 2).

Começando com o amor ao dinheiro [avareza] como o ponto de início do presente estudo, voltamos, então, para uma bem conhecida passagem em 1Timóteo 6, onde Paulo escreve: “Pois o amor ao dinheiro é uma raiz de todas as espécies de males” (v. 10[†]). Antes de incluir os versículos ao redor desse em nossa discussão, há duas observações elementares que temos de fazer.

A primeira é que a afirmação de Paulo é freqüentemente citada de maneira errada, como se fosse “o dinheiro é a raiz de todos os males”, quando na verdade diz que “o amor ao dinheiro é uma raiz de toda espécie de males”*. É o amor ao dinheiro que está sob condenação nessa passagem, e não o dinheiro em si mesmo. A diferença não é trivial. O “amor” ao dinheiro faz alusão a um fator intelectual ou psicológico não indicado quando apenas o dinheiro é mencionado, o último sendo material por natureza.

Que o amor ao dinheiro, que existe na mente, é uma raiz de todos os males também faz supor que se pode ser um amante daquele sem ser rico. Se o dinheiro em si mesmo é uma raiz de todas as espécies de males, então ele pode ser proporcional ao nível da riqueza de alguém; para evitar o mal, deve-se ser pobre. A ilusão que a isso corresponde é que essa “raiz de todas as espécies de males” não existe em indivíduos acometidos pela pobreza. Porém, qualquer um pode ser amante do dinheiro. E é possível que um rico seja ao mesmo tempo verdadeiro amante de Deus, e não do dinheiro.

Elegendo o amor ao dinheiro como o réu, Paulo identifica essa fonte de todas as espécies de males como tendo origem na mente do homem, e não na substância material. Jesus também diz em Marcos 7:21,22: “Pois do interior do coração dos homens vêm os maus pensamentos, as imoralidades sexuais, os roubos, os homicídios, os adultérios, as cobiças, as maldades, o engano, a devassidão, a inveja, a calúnia, a arrogância e a insensatez”.

Muito tempo e esforço em exposições teológicas podem ser apreciados, a não ser por aqueles que causam ruína constante a partir do púlpito, propagando falsas idéias. Por outro lado, o surgimento de falsas doutrinas tende a ter o efeito positivo de compelir os ortodoxos a maior precisão teológica — esse é um papel que as falsas religiões e heresias desempenham no soberano plano de Deus. De qualquer maneira, um ensinamento que traz confusão às discussões teológicas é o que gera uma aguda distinção entre o espírito e a alma do homem, identificando o “coração” com o espírito, e a mente com a alma do homem.

Para que o presente estudo tenha sentido, devemos gastar tempo para corrigir essa compreensão popular errônea; entretanto, uma explicação completa pertence a uma

[†] Na tradução direta da *New International Version*, preferível aqui (n. do T.)

* Traduzido diretamente da NIV original usada pelo autor, preferível: as outras edições portuguesas por nós conhecidas, infelizmente, não acompanham a versão inglesa que, aqui, é mais fiel ao texto grego (n. do T.)

apresentação sobre antropologia teológica. Portanto, rapidamente citaremos várias autoridades a respeito do assunto, e passaremos adiante.

O *Exegetical Dictionary of the New Testament* define “oração” (grego: *kardia*) como, “a pessoa no íntimo, o lugar do entendimento, do conhecimento e da vontade...”.⁸ Kittel, como é de se esperar, faz um longo artigo sobre a palavra, e diz: “o coração é o lugar do entendimento, a fonte do pensamento e da reflexão”.⁹ Como em outros léxicos, isso confirma que “o uso da palavra no NT concorda com o do AT”.¹⁰

Na Bíblia, *coração* inclui uma gama de significados, mas, quando não aponta para o órgão físico, está falando da mente, com o contexto da passagem dando ênfase a suas funções particulares. O teólogo-filósofo Gordon H. Clark estima que “o termo *coração* denota emoção em cerca de dez ou no máximo quinze por cento do tempo. Ele denota a vontade talvez em trinta por cento do tempo; e mui claramente quer dizer o intelecto em sessenta ou setenta por cento”.¹¹

Após estudar várias páginas apresentando passagens relevantes sobre a matéria, Clark conclui: “Logo, quando alguém no banco da igreja ouve o pregador fazendo contraste entre a cabeça e o coração, ele perceberá que o pregador, ou não sabe ou não acredita no que a Bíblia diz. Para que o evangelho possa ser proclamado em sua pureza e poder, as igrejas devem eliminar seu freudismo e outras formas de psicologia contemporânea e retornar à Palavra de Deus...”.¹² A fé do coração e a fé da cabeça são falsas distinções. A cabeça, ou cérebro, não é a mente de forma nenhuma. Ou nós somos evolucionistas e behavioristas? A mente do homem é incorpórea, feita à imagem de Deus; não é a “cabeça” ou o cérebro.

A não ser em raras ocasiões onde o contexto requer uma compreensão diferente, o *coração* na Bíblia refere-se à mente com suas várias funções, tais como intelecto, vontade e emoções. Jonathan Edwards, em *A Treatise Concerning Religious Affections*, escreve, com respeito à inclinação e vontade do homem, que “a mente, no tocante aos exercícios de sua faculdade, é amiúde chamada o coração”.¹³ Ainda, Thayer: “*kardia*... a alma ou mente, visto que é a fonte e o lugar dos pensamentos, paixões, desejos, apetites, afeições, intenções, esforços... usado para o entendimento, a faculdade e a sede da inteligência...”. Meu propósito é mostrar que o coração é intelectual.

Além disso, mesmo a *mente* é mal compreendida como sendo constituída de intelecto, vontade e emoções — porém, essas são funções dela, e não partes diferentes que, em conjunto, a constituem. Clark dá a ilustração que, assim como a digestão é uma função do estômago e não um órgão distinto no todo, também não devemos imaginar as atividades da alma como partes dentro da pessoa humana que sejam distintas da alma. Pensar, decidir e se emocionar são atividades da mente.

⁸ *Exegetical Dictionary of the New Testament*, Vol. 2; Grand Rapids, Michigan: William B. Eerdmans Publishing Company, 1981; p. 250.

⁹ Gerhard Kittel, ed., *Theological Dictionary of the New Testament*, Vol. 3; Grand Rapids, Michigan: William B. Eerdmans Publishing Company, 1999 (Original: 1965); p. 612.

¹⁰ *Ibid.*, p. 611.

¹¹ Gordon H. Clark, *The Biblical Doctrine of Man*; Jefferson, Maryland: The Trinity Foundation, 1984; p. 82.

¹² *Ibid.*, p. 87-88.

¹³ *The Works of Jonathan Edwards*; Peabody, Massachusetts: Hendrickson Publishers, Inc., 2000 (Original: 1834); p. 237.

Mesmo a palavra *espírito* não indica uma parte diferente da pessoa, mas somente um aspecto ou função particular da alma na mente.¹⁴ Portanto, um ser humano consiste de mente e corpo. Para todas as intenções gerais, então, podemos considerar os termos mente, alma, espírito e coração como intercambiáveis. Visto que muitos leitores tendem a pensar em espírito e coração, ou mesmo alma, como mais ou menos não-intelectual, freqüentemente prefiro a palavra *mente* a fim de lembrar o leitor da natureza intelectual do assunto, mesmo quando os outros termos servirem igualmente bem.

É possível inferir de Marcos 7:21 que o coração se refere à mente, já que diz que é o “coração dos homens” que produzem “maus pensamentos”. Contudo, para que o leitor anti-intelectual obstinado não o tome como simplesmente dizendo que o intelectual pode vir do não-intelectual e, por conseguinte, nenhuma inferência tal pode ser feita, permitimo-nos a digressão acima sobre o sentido do termo coração.

De volta ao nosso tópico principal, Paulo diz que “o amor ao dinheiro é uma raiz de todas as espécies de males” (1Timóteo 6:10). O *amor*, pois, alude aos pensamentos. Jesus confirma isso quando inclui a “avareza” (Marcos 7:22, ERC) como uma das coisas que procedem das mentes dos homens. O “dinheiro”, por outro lado, designa o conteúdo específico dos pensamentos. O “amor ao dinheiro” é, portanto, um modo de pensar acerca daquele que gera “todas as espécies de males”.

Antes de definirmos mais adiante “o amor ao dinheiro”, ou essa forma de pensar, exporei a segunda observação concernente ao versículo em questão, como mencionado no princípio. É simplesmente esta: Paulo diz que o amor ao dinheiro é “uma raiz de *todas as espécies* de males” (NIV; ou, na Tradução do Novo Mundo: “raiz de toda sorte de coisas prejudiciais”), e não “*a* raiz de *todos* os males” (ERC).

Em outras palavras, muitos tipos e exemplos de males ocorrem devido ao amor ao dinheiro, mas isso não significa que todo exemplo de mal seja por ele gerado. Tal observação é importante porque, se a Escritura jogasse a culpa de todo mal no amor ao dinheiro, isso distorceria nossa visão da realidade para ligar todos os casos à avareza. Isso é fácil de ver do versículo uma vez que seja apontado e, conseqüentemente, nenhuma explicação adicional é demandada.

Ora, para ajudar a definir o amor ao dinheiro, citamos os versículos 9 e 10 em sua inteireza: “As pessoas que querem ficar ricas caem em tentação e numa armadilha e em muitos desejos tolos e prejudiciais que imergem os homens na ruína e na destruição. Pois o amor ao dinheiro é uma raiz de todas as espécies de males. Alguns, ávidos por ele, apartaram-se da fé e transpassaram-se a si próprios com muitas tristezas” (1Timóteo 6.9,10[‡]). O amor ao dinheiro é usado de maneira intercambiável e, assim, igualado com a “avidez por dinheiro”, e é evidente naqueles que “querem ficar ricos”.

Ser ávido por dinheiro, ou apenas querer ficar rico, torna alguém um amante dele, e traz todas as conseqüências que o acompanham. Devido às freqüentes, porém levianas referências à expressão, o “amor ao dinheiro” fica sem sentido para as pessoas, de modo que até os cristãos meneiam suas cabeças em aprovação às palavras de Paulo sem se darem conta do quanto elas se aplicam a si mesmos. Mas, uma vez que definimos o amor ao dinheiro como

¹⁴ Vincent Cheung, *Teologia Sistemática*, 2006; capítulo 4 [obra disponível no site Monergismo.com — n. do T.]

[‡] Optamos mais uma vez pela tradução direta da NIV, usada pelo autor, já que a NVI destoa muito. E não encontramos Bíblia em vernáculo que se aproximasse do texto em inglês (n. do T.)

sendo avidez por dinheiro, ou como meramente querer se tornar rico, então multidões de cristãos estão debaixo da grave advertência como exposta nessa passagem.

Entretanto, esse querer ou desejar é mais do que uma passiva disposição para se tornar rico, mas um desejo positivo para com os bens. Um escritor observa que a palavra traduzida por querer (em grego, *boulomai*) na NIV denota um desejo racional, e não emocional: “Esse desejo de ficar rico não é algo emocional que passa, mas o resultado do processo de raciocinar. Consideração amadurecida foi dada à questão da aquisição de riquezas, resultando que aquele se torna um procedimento fundamentado e planejado”.¹⁵

Isso não nos lembra nós mesmos, ou alguém que conhecemos? Mesmo muitos cristãos professos, depois de prolongada e deliberada reflexão, consideram o perseguir as riquezas como sua mais alta meta. Como mencionado, não é uma momentânea cobiça emocional pelo dinheiro, mas uma conclusão intelectual que dinheiro é que é o importante. A pessoa então prossegue, para formular planos quanto à maneira com que ele pode ser obtido.

Ainda que, sobre outras bases, podemos reconhecer um desejo impulsivo e a curto prazo por dinheiro como também sendo pecaminoso, Paulo aqui considera especificamente a decisão racional de ir atrás de riquezas. Entretanto, só porque uma decisão é racional por natureza — ou seja, resultado de um processo de raciocínio — não significa que a conclusão seja racional no sentido de ser razoável ou correta. Esse modo de pensar é tão condenável em parte por ser resultante de deliberação cuidadosa. Que se pode professar a Cristo e, todavia, concluir que o dinheiro é o mais importante é tanto irracional quanto blasfemo.

Jesus se opõe a essa espécie de pensamento: “Cuidado! Fiquem de sobreaviso contra todo tipo de ganância; a vida de um homem não consiste na quantidade dos seus bens” (Lucas 12:15). Na passagem que imediatamente segue a esse versículo, ele conta uma parábola na qual “quem guarda para si riquezas, mas não é rico para com Deus” (v. 21) é chamado de “louco” (v. 20, ERC). Ainda que alguém que ame dinheiro do modo descrito por Paulo tenha chegado à mesma conclusão dele usando os seus poderes de raciocínio, isso apenas mostra sua falta de perspicácia intelectual.

Admitindo que ele ao menos professe a fé cristã e, assim, que foram dadas premissas bíblicas para instruir seu raciocínio, é isso o melhor que ele pode fazer? Uma pessoa deve ser bem estúpida se alega ser uma cristã mas, ao mesmo tempo, valoriza as riquezas acima de outras coisas, quando Jesus diz que “a vida de um homem não consiste na quantidade dos seus bens”. Até uma criança pode compreender o que Jesus quer dizer, e pode, em consequência, evitar a errônea conclusão do amante do dinheiro. As pessoas que dão valor à riqueza não são mesmo muito espertas.

Parenteticamente, as seguintes palavras de um erudito ajudam a impedir a má aplicação do texto: “Também devemos notar que o que é aqui condenado não é uma ambição de sobrepujar em algum departamento legal da atividade humana, a qual, embora possa trazer um aumento de riquezas, desenvolve o caráter, mas o olhar somente para a acumulação de dinheiro...”.¹⁶ Essa é uma distinção crucial: não estamos falando contra a riqueza enquanto tal, e menos ainda condenamos práticas legítimas que freqüentemente a produz. Como diz

¹⁵ Kenneth S. Wuest, *Wuest's Word Studies From the Greek New Testament, Vol. 2*; Grand Rapids, Michigan: William B. Eerdmans Publishing Company, 1999 (Original: 1952); p. 95.

¹⁶ *The Expositor's Greek Testament, Vol. 4*; Peabody, Massachusetts: Hendrickson Publishers, Inc., 2002 reprint; p. 143.

Provérbios 10:4: “As mãos preguiçosas empobrecem o homem, porém as mãos diligentes lhe trazem riqueza”. É o fator intelectual — o *amor* do dinheiro — que é digno de repreensão. E também Provérbios 28:20: “O fiel será ricamente abençoado, mas quem tenta enriquecer-se depressa não ficará sem castigo”.

As pessoas estão constantemente tentando se evadir das admoestações bíblicas e, portanto, consideraremos a questão de um outro ângulo. Se parece que uma ambígua perseguição de riqueza não se aplica, a maioria ainda está sob o aviso de Cristo acerca do culto a Mamom,¹⁷ o qual ele define como preocupação para com as coisas materiais. A passagem relevante diz o seguinte:

Ninguém pode servir a dois senhores; pois odiará um e amará o outro, ou se dedicará a um e desprezará o outro. Vocês não podem servir a Deus e ao Dinheiro. Portanto eu lhes digo: Não se preocupem com sua própria vida, quanto ao que comer ou beber; nem com seu próprio corpo, quanto ao que vestir. Não é a vida mais importante que a comida, e o corpo mais importante que a roupa? Observem as aves do céu: não semeiam nem colhem nem armazenam em celeiros; contudo, o Pai celestial as alimenta. Não têm vocês muito mais valor do que elas? Quem de vocês, por mais que se preocupe, pode acrescentar uma hora que seja à sua vida? “Por que vocês se preocupam com roupas? Vejam como crescem os lírios do campo. Eles não trabalham nem tecem. Contudo, eu lhes digo que nem Salomão, em todo o seu esplendor, vestiu-se como um deles. Se Deus veste assim a erva do campo, que hoje existe e amanhã é lançada ao fogo, não vestirá muito mais a vocês, homens de pequena fé? Portanto, não se preocupem, dizendo: ‘Que vamos comer?’ ou ‘Que vamos beber?’ ou ‘Que vamos vestir?’ Pois os pagãos é que correm atrás dessas coisas; mas o Pai celestial sabe que vocês precisam delas. Busquem, pois, em primeiro lugar o Reino de Deus e a sua justiça, e todas essas coisas lhes serão acrescentadas. Portanto, não se preocupem com o amanhã, pois o amanhã trará as suas próprias preocupações. Basta a cada dia o seu próprio mal (Mateus 6:24-34).

O versículo 24 não torna Deus e o dinheiro mutuamente exclusivo; ele torna o serviço, o amor e a devoção para com Deus e o dinheiro mutuamente exclusivo. Ou seja, ainda que tanto Deus quanto o dinheiro possam ser parte da vida de alguém, ele só pode servir, amar e ter devoção a um dos dois, mas não a ambos. É possível a um rico amar a Deus e a um pobre odiá-lo. O problema não é se se deve ter dinheiro ou não.

No versículo 25, Jesus designa o serviço, o amor e a devoção para o domínio intelectual: “Portanto eu lhes digo: Não se preocupem com sua própria vida, quanto ao que comer ou beber; nem com seu próprio corpo, quanto ao que vestir. Não é a vida mais importante que a comida, e o corpo mais importante que a roupa?”. A questão retórica no fim do versículo ecoa o que ele diz em Lucas 12:15, anteriormente citado: “a vida de um homem não consiste na quantidade dos seus bens”.

A vida é mais do que riqueza e posses materiais. Pensar de um modo que seja inconsistente com isso é o que constitui o amor ao dinheiro ou culto a Mamom. Alguém que

¹⁷ *Mamom* denota riquezas materiais. Contrariamente à crença popular, não há evidência alguma que sugira que a palavra se refira a um deus pagão da riqueza. A tradução “Dinheiro”, da NVI (Mateus 6.24) é, por conseguinte, aceitável.

escape da descrição do apóstolo Paulo a respeito do amor ao dinheiro e, contudo, pense no dinheiro como o fator decisivo nas situações da vida, continua escravizado a ele e, dessa maneira, torna-se alguém que odeia e despreza a Deus (v. 24).

Não repetiremos o restante da passagem, mas o leitor deve prestar atenção à ênfase sobre como servir a Deus ou ao dinheiro está relacionado ao próprio pensamento concernente à vida: “Quem de vocês, por mais que se preocupe, pode acrescentar uma hora que seja à sua vida?... Por que vocês se preocupam com roupas?... Portanto, não se preocupem... Portanto, não se preocupem...” (vv. 27,28,31,34). Em um outro lugar, Jesus afirma: “Quanto ao que foi semeado entre os espinhos, este é aquele que ouve a palavra, mas a preocupação desta vida e o engano das riquezas a sufocam, tornando-a infrutífera” (Mateus 13:22).

Devotar nossos pensamentos ao dinheiro é o equivalente a servi-lo como um deus, e tal é mutuamente exclusivo com a adoração a Deus. Estar excessivamente preocupado com as necessidades materiais é estar escravizado ao dinheiro, o que subentende uma rejeição da primazia de Deus. Mas adorar a Deus é entronizá-lo em nossos pensamentos: “Que as palavras da minha boca e a meditação do meu coração sejam agradáveis a ti, SENHOR, minha Rocha e meu Resgatador!” (Salmo 19:14); “Seja-lhe agradável a minha meditação, pois no SENHOR tenho alegria” (Salmo 104:34).

Voltando à passagem de Paulo em 1Timóteo 6, ele diz que muitos efeitos desastrosos advêm do amor ao dinheiro: “As pessoas que querem ficar ricas caem em tentação e numa armadilha e em muitos desejos tolos e prejudiciais que imergem os homens na ruína e na destruição. Pois o amor ao dinheiro é uma raiz de todas as espécies de males. Alguns, ávidos por ele, apartaram-se da fé e transpassaram-se a si próprios com muitas tristezas” (vv. 9,10).

Paulo diz que aqueles que desejam ser ricos caem em muitos desejos *tolos*. Contrariamente à auto-avaliação deles, não importa quão bem sucedido sejam eles em levar a efeito seus esquemas para obtenção de dinheiro, eles nunca devem ser tidos por inteligentes se tais feitos forem fundados sobre uma tal base. Tais desejos são também nocivos naquilo que “imergem os homens na ruína e na destruição”. Aqueles que são ávidos por dinheiro “[transpassam] a si próprios com muitas tristezas”. Podemos estar a par de muitos exemplos de tal “ruína” e “destruição” pelas vidas de pessoas que conhecemos, ou mesmo pelas nossas próprias.

Nas palavras de Lenski, “os homens que estão decididos a ficar rico mordem a tentadora isca, são pegos na armadilha, estão presos por suas concupiscências. Tão inteligentes eles pensam que são, mas veja no que eles caem! Eles podem ficar ricos, podem se jactar de sua fortuna, de seu tino para os negócios, de suas transações bem sucedidas. Porém, olhe para os de maior êxito entre eles — os maus desejos deles são ‘sem razão’, tal que deles um homem racional deve fugir!”.¹⁸ Onde a NIV traduz “*tolos* desejos”, Lenski põe “sem razão”.¹⁹ Após cuidadosa e prolongada consideração, os amantes do dinheiro não podem fazer nada melhor do que concluir que a riqueza é suprema e, assim, chamar a atenção do cristão informado para o seu desatino.

¹⁸ R. C. H. Lenski, *Commentary on the New Testament: The Interpretation of St. Paul's Epistles to the Colossians, to the Thessalonians, to Timothy, to Titus, and to Philemon*; Peabody, Massachusetts: Hendrickson Publishers, Inc., 2001 (Original: 1937); p. 707-708.

¹⁹ A palavra é *anoetos* – “sem entendimento”, “sem sentido”, e “não inteligente” são também traduções aceitáveis.

O mais significativo é que o amor ao dinheiro leva-os a “[apartarem-se] da fé”. Como diz Lucas 9:25: “Pois que adianta ao homem ganhar o mundo inteiro, e perder-se ou destruir a si mesmo?” A menos que haja uma mudança de pensamento, é fútil resistir, ou fingir outra coisa — o processo destrutivo se inicia na mente e, no momento em que a agenda de alguém se torna fazer dinheiro em vez de conhecer a Deus, ele começa a se desviar da fé que professa.

O culto consiste primariamente de nossos pensamentos com respeito às coisas divinas, e não em canções ou atitudes corporais; as segundas são fáceis de simular, mas a primeira exige transformação genuína da própria personalidade. Deus diz em Isaías 29:13: “Esse povo se aproxima de mim com a boca e me honra com os lábios, mas o seu coração está longe de mim”. A Bíblia não faz nenhuma distinção ontológica entre o coração e os lábios. O verdadeiro culto está no coração — ou, como provamos, na mente; atividades do corpo podem proceder naturalmente dos pensamentos, ou podem ser realizadas com fingimento e hipocrisia.

Logo, alguém que pareça cultuar a Deus em sinceridade no exterior, mas é governado pelos pensamentos gananciosos em sua mente, não é um verdadeiro adorador seu. Jesus explica que, ao contrário dos hipócritas cuja adoração Deus rejeita, “os verdadeiros adoradores adorarão o Pai em espírito e em verdade. São estes os adoradores que o Pai procura” (João 4:23). Não há como se safar de nossas mentes. Não há simulação alguma; nossos pensamentos nos definem. E Deus sabe o que pensamos: “Sabes quando me sento e quando me levanto; de longe percebes os meus pensamentos” (Salmo 139:2; ainda Hebreus 4:12); “O SENHOR não vê como o homem: o homem vê a aparência, mas o SENHOR vê o coração” (1Samuel 16:7).

Aqueles que amam o dinheiro não podem ser ao mesmo tempo cristãos verdadeiros e fiéis. Como bem escreve Tiago: “Sejam praticantes da palavra, e não apenas ouvintes, enganando-se a si mesmos” (Tiago 1:22), há muitos que estão ávidos por dinheiro que também consideram a si mesmos cristãos de nível superior. Iludem a si mesmos; é possível que muitos deles não sejam crentes em hipótese alguma. Outra vez, Jesus deixa claro que, ainda que Deus e o dinheiro possam coexistir na vida de uma pessoa, o *culto* a Deus e ao dinheiro são mutuamente exclusivos.

Mais adiante em 1Timóteo 6, Paulo diz o seguinte, sobre os ricos: “Ordene aos que são ricos no presente mundo que não sejam arrogantes, nem ponham sua esperança na incerteza da riqueza, mas em Deus, que de tudo nos provê ricamente, para a nossa satisfação. Ordene-lhes que pratiquem o bem, sejam ricos em boas obras, generosos e prontos a repartir. Dessa forma, eles acumularão um tesouro para si mesmos, um firme fundamento para a era que há de vir, e assim alcançarão a verdadeira vida” (1Timóteo 6:17-19).

Visto que o mundo tende a medir o sucesso em termos de riquezas, é fácil para aqueles que têm dinheiro virarem orgulhosos. Em Deuteronômio 8:17-18, a Bíblia adverte quanto à tentação de dar valor à própria prosperidade: “[Não] digas no teu coração: ‘Meu próprio poder e a plena força da minha própria mão me produziram esta riqueza’. E tens de lembrar do Senhor, teu Deus, porque é ele quem te dá o poder para produzir riqueza...”.*

* Na Tradução do Novo Mundo, aqui escolhida em detrimento da NVI, mas ligeiramente alterada: trocamos o original ‘Jeová’ por ‘o Senhor’, sem prejuízo algum da fidelidade ao sentido original (n. do T.)

É Deus quem concede “o poder para produzir riqueza” (Deuteronômio 8:18, Tradução do Novo Mundo). E os crentes devem reconhecer que Deus é aquele “que de tudo nos provê ricamente, para a nossa satisfação” (v. 17). Essa declaração reforça um pensamento anterior de que o dinheiro em si mesmo não é o problema, mas é o desejo ímpio por riqueza que corrompe a própria alma. Paulo mesmo diz que Deus nos dá coisas materiais “para a nossa satisfação”, e não apenas para doações de caridade ou promoção do evangelho. Não é contra o ensino bíblico desfrutar os frutos do próprio labor ou dos investimentos, tanto quanto prover uma vida boa para os queridos. Entretanto, devemos reconhecer Deus como o supridor de todas as boas coisas e, em gratidão, permitir que seus divinos preceitos governem nossa atitude para com os bens, tanto quanto seu uso e distribuição.

O rico não deve ter pensamentos elevados demais de si mesmo, nem deve por sua esperança na riqueza que possui, porque as riquezas materiais formam um fundamento não confiável para sua vida presente e futura. Quanto muito, o dinheiro pode prover alguns confortos superficiais para sua existência terrena, mas seu poder nunca pode ser estendido para a vida vindoura: “pois nada trouxemos para este mundo e dele nada podemos levar” (v. 7).

Contudo, a riqueza não fornece garantia nenhuma mesmo para a vida presente, visto que Jesus, em uma de suas parábolas, apresenta Deus dizendo: “Insensato! Esta mesma noite a sua vida lhe será exigida. Então, quem ficará com o que você preparou?” (Lucas 12:20). Esse versículo de Lucas novamente enfatiza a insensatez de quem ama o dinheiro. A diferença de nível de discernimento entre quem confia em Deus e quem confia nos bens é como a distância entre o poder do Todo-Poderoso e do débil Mamon. Não obstante, tal fé ou clareza de visão espiritual é um dom divino, e não é originária de um inexistente “livre-arbítrio” exaltado pelos humanistas, de modo que ninguém pode se gabar em sua presença.

Timóteo tem que ordenar aos ricos “que pratiquem o bem, sejam ricos em boas obras, generosos e prontos a repartir” (v. 18). Ao contrário da crença popular, o ministério doutrinal possui o direito de *ordenar* como a riqueza é para ser usada, tanto quanto ditar decisões concernentes à liberdade moral dos crentes — mas somente até o ponto prescrito pela revelação escriturística. Ele tem o mandato para, com autoridade, aplicar instruções bíblicas à sua audiência.

Os incrédulos, embora resistam à autoridade de Deus, estão moralmente obrigados a obedecer quando um ministro repete os preceitos divinos, e aumentam sua culpa cada vez que se rebelam contra as palavras de Deus. Por exemplo, o mandamento, “Não matarás” (Êxodo 20:13) é tão obrigatório para quem rejeita a autoridade escriturística tanto para quem professa a fé cristã, já que a regra divina é universal. Aqueles que “não obedecem ao evangelho” (1Pedro 4:17), portanto, violam o mandado de Deus, pois “ordena que todos, em todo lugar, se arrependam” (Atos 17:30), e sofrerão a justa condenação por sua provocação.

Aos prósperos se ordena que sejam ricos não somente em bens materiais, mas ainda “em boas obras”. Apenas desse modo serão eles capazes de obter uma segurança impossível de vir apenas através do dinheiro: “Dessa forma, eles acumularão um tesouro para si mesmos, um firme fundamento para a era que há de vir, e assim alcançarão a verdadeira vida” (v. 19). Não importa quão realizada alguém possa pensar que o dinheiro consiga que sua vida seja, não é “verdadeira vida” até que se apodere da vida disponível apenas mediante Cristo, que diz “eu vim para que tenham vida, e a tenham plenamente” (João 10:10).

Resumindo, a instrução de Paulo para o rico é que reconheça a incerteza dos bens, resultando que, ou se cessa de confiar nela, ou se fica arrogante devido ao próprio nível de riqueza. A fé em Deus e a generosidade devem ser especialmente evidentes no rico, e aqueles que são negligentes em estabelecer esse fundamento firme põem em perigo seu próprio bem estar espiritual.

Em contraste com um amor ao dinheiro, Paulo expõe a mentalidade cristã como de piedade com contentamento: “De fato, a piedade com contentamento é grande fonte de lucro, pois nada trouxemos para este mundo e dele nada podemos levar; por isso, tendo o que comer e com que vestir-nos, estejamos com isso satisfeitos” (1Timóteo 6:6-8). Antes de discutirmos o sentido do contentamento cristão como ensinado nesses versículos, devemos olhar a passagem que leva até eles.

Os versículos 1-5 dizem: “Se alguém ensina falsas doutrinas e não concorda com a sã doutrina de nosso Senhor Jesus Cristo e com o ensino que é segundo a piedade, é orgulhoso e nada entende. Esse tal mostra um interesse doentio por controvérsias e contendas acerca de palavras, que resultam em inveja, brigas, difamações, suspeitas malignas e atritos constantes entre aqueles que têm a mente corrompida e que são privados da verdade, os quais pensam que a piedade é fonte de lucro”.

Repare no alerta contra falsas doutrinas, e como elas estão relacionadas à noção errônea de que a “piedade é um meio para o ganho financeiro”. Todas as falsas idéias têm sua origem na falsa teologia, já que as convicções religiosas de alguém constituem as pressuposições definitivas que regem todas as outras crenças. As falsas doutrinas de que se fala aqui levam em conta a espécie de pensamento que fomenta o amor ao dinheiro. Para ajudar a explicar a transição dos versículos 1-5 para 6-8, daremos alguma atenção à última frase no verso 5.

Tais pessoas que foram “privadas da verdade” pensam que “a piedade é um meio para o ganho financeiro”. A palavra “privadas” sugere que outrora possuíam a verdade, mas que, depois, ela lhes foi tirada, e assim é dito que se trata de “[homens] de mente corrompida”. A palavra “piedade” pode confundir alguns leitores, especialmente quando as palavras “piedade” e “ganho” são usadas no próximo versículo com significados ligeiramente diferentes. Aqui no versículo 5, Paulo não faz referência àqueles que crêem que Deus abençoaria quem o adora da maneira própria, amiúde com prosperidade financeira. Há um ensino que quase iguala a espiritualidade de alguém com seu nível de riqueza, mas esse versículo não tem por alvo tal idéia em particular.

Além do contexto imediato, o começo de 1Timóteo dá uma dica quanto ao objetivo principal da carta. Em 1:3, Paulo escreve que ele tinha deixado Timóteo em Éfeso, de modo que o ordenasse “a certas pessoas que não mais ensinem doutrinas falsas”. Embora o restante da epístola forneça instruções apostólicas sobre muitos temas que são universalmente aplicáveis, 1Timóteo é melhor entendida quando o leitor tem em vista seu declarado propósito.

Então, 1Timóteo 6:5 é dito em um contexto que ataca os que ensinam falsas doutrinas. Com isso em mente, Paulo não está dizendo que esses possuem verdadeira piedade, que, simultaneamente, consideram tal piedade como levando ao lucro financeiro. Antes, a tradução

de J. B. Phillips traz o correto sentido do versículo, que tais “homens de mentes pervertidas... perderam seu real apego à verdade, mas esperam lograr algum lucro da *religião cristã*”.²⁰

Não é que tais mestres tenham uma falsa opinião de como Deus abençoa o verdadeiro culto espiritual, mas que eles não estão levando em consideração suas bênçãos em absoluto. Antes, o versículo fala de como eles desejam obter ganho financeiro do ensino ou de outra maneira usando a religião cristã, embora com suas próprias versões dela. Eles acham, por conseguinte, que tal “piedade” conduz ao lucro. Tito 1:11 declara o problema com palavras diferentes: “É necessário que eles sejam silenciados, pois estão arruinando famílias inteiras, ensinando coisas que não devem, e tudo por ganância”.

Todavia, há um sentido em que a piedade é “grande ganho” (v. 6, ERC). Que a verdadeira piedade é caracterizada pelo “contentamento” impede o leitor de identificar o conceito como considerado pelos falsos mestres com aquele de Paulo. Enquanto um é motivado pelo “amor ao dinheiro” (v. 10), o outro persegue “a justiça, a piedade, a fé, o amor, a perseverança e a mansidão” (v. 11). Primeiro, consideraremos brevemente o ganho envolvido na verdadeira piedade, e então prosseguiremos para discutir o sentido de contentamento.

Em partes anteriores de 1Timóteo 4:8, lemos: “O exercício físico é de pouco proveito; a piedade, porém, para tudo é proveitosa, porque tem promessa da vida presente e da futura” (1Timóteo 4.8). Buscar as coisas deste mundo em vez da santidade e da maturidade espirituais reflete uma carência de perspicácia. As pessoas com frequência ficam impressionadas com suas próprias habilidades para avançar em suas carreiras ou fazerem investimentos em negócios lucrativos, mas falta-lhes discernimento para o que vem depois da morte. Elas podem ignorar a questão, ou equivocadamente pensar que sua vida é tudo que há, ou pelo menos vivam como se essa fosse, mesmo que soubessem outra coisa. Porém, a piedade se apodera *tanto* da vida presente quanto da que está para vir. Qual deles, então, é o mais sábio — o homem piedoso ou o homem ganancioso? A piedade detém uma tremenda promessa, e leva a grande ganho, ainda que tal ganho nem sempre seja financeiro.

Como com o contentamento, devemos primeiro lembrar que Paulo fala tanto ao rico quanto ao pobre e, portanto, estar contente não quer dizer que se deva possuir somente um pouco. Assim como se dá com o amor ao dinheiro, que tem por combustível uma insatisfação pecaminosa para com as próprias posses materiais, o contentamento cristão é também um fator intelectual ou psicológico, e não serve de nenhuma dedução necessária quanto ao nível da riqueza de alguém. Isso merece repetição porque alguns tendem a associar um ataque à ganância como um ataque à riqueza, e que incentivar o contentamento é defender a pobreza. Tal não é assim, já que vimos que os cristãos podem ser “ricos no presente mundo” (v. 17), e permanecer piedosos em seus estilos de vida ao mesmo tempo; isto é, se eles tomarem o cuidado de pôr “sua esperança... em Deus... [e de ser] generosos e prontos a repartir” (vv. 17,18).

A palavra *contentamento* (em grego, *autarkeia*) fora usada para denotar uma virtude primordial da época de Sócrates, e especialmente pelo pensamento estóico e cínico, como tendo o sentido de uma auto-suficiência íntima. “A exigência é que o homem deve ficar com os bens a ele aquinhoados pelo destino ou por Deus... que, assim, torna-se um homem

²⁰ J. B. Phillips, *The New Testament in Modern English*; New York: Touchstone, 1988 edition. De modo similar, William Barclay: “São características de homens que tem a sua religião como uma preocupação em obter lucro”; *The New Testament*; Louisville, Kentucky: Westminster John Knox Press, 1999 edition.

independente suficiente para si próprio e não necessitado de ninguém mais”.²¹ Barclay escreve: “Essa é uma das maiores divisas dos filósofos estóicos. Por ela eles queriam dizer uma completa *auto-suficiência*. Significava um estado de espírito que era completamente independente de todas as coisas exteriores, e que trazia dentro de si mesma o segredo da felicidade”.²²

A última descrição é mais acurada, enfatizando que essa auto-suficiência é “um estado de espírito”, e não se refere diretamente às habilidades e ao conhecimento requeridos para a sobrevivência. Isto é, a auto-suficiência que se tem em vista é mais uma indiferença psicológica às circunstâncias exteriores do que a capacidade de prover para as próprias necessidades. O texto a seguir ilustra o tipo de “auto-suficiência” ensinada no estoicismo:

Há uma famosa estória acerca de Epíteto, o escravo. Enquanto seu senhor estava torturando sua perna, ele disse com grande compostura: “Você certamente quebrará minha perna”. Quando o osso quebrou, ele continuou no mesmo tom de voz: “Não disse que você a quebraria?” Logo, a vida boa não consiste de coisas externas, mas é um estado interno, uma força de vontade, e autocontrole.²³

Desse modo, um estóico “não generará sob tortura; e, em geral, ele suprimirá a emoção por ser irracional...”.²⁴ Pelo menos nesse nível, há algumas semelhanças importantes entre os conceitos cristãos e estóicos de contentamento. Eles são muito mais pronunciados do que o que muitas escolas do pensamento cristão estão dispostas a admitir atualmente, visto que muito do cristianismo contemporâneo é caracterizado por um anti-intelectualismo e um emocionalismo que tem mais a ver com a religião de Kierkegaard do que com a fé bíblica. E a ênfase na experiência resulta da filosofia de Schleiermacher. Mas, como escreve um erudito ao comentar 1Timóteo 6:6, “[o contentamento cristão] é muito similar ao pensamento estóico”.²⁵

Muitos detestam um cristianismo “estóico” que defenda uma indiferença para com as coisas materiais e uma suspeita em relação às emoções. Argumentam que, visto que a filosofia estóica está errada, então o tipo de contentamento que ela ensina deve, por conseguinte, ser falso. Porém, pode ser que os estóicos também creiam que $1 + 1 = 2$ por suas próprias razões. Os estóicos podem ser incapazes de justificar suas crenças com base em suas pressuposições filosóficas, e essas mesmas podem ser injustificáveis, mas algumas de suas crenças podem, no entanto, ser verdadeiras, se não por nenhuma razão, pelo menos por acidente.

Mesmo que algumas de suas conclusões nessa área particular pareçam se assemelhar ao menos na superfície, os princípios do cristianismo advêm de revelação divina, independente de influências estóicas. A questão é que Paulo utiliza aqui a *linguagem* estóica, assim como outros textos bíblicos empregam termos úteis do militarismo romano e da filosofia grega para suas próprias finalidades. A menos que esteja indicado de outra maneira,

²¹ Kittel, Vol. 1; p. 464, 466.

²² William Barclay, *The Letters to Timothy, Titus, and Philemon*; Louisville, Kentucky: Westminster John Knox Press, 1975; p. 128.

²³ Gordon H. Clark, *Ancient Philosophy*; The Trinity Foundation, 1997; p. 308.

²⁴ *Ibid.*, p. 307.

²⁵ *New International Dictionary of New Testament Theology, Vol. 3*; Grand Rapids, Michigan: Zondervan Publishing House, 1986; p. 727.

devemos aceitar os significados que vêm com o termo, embora devamos também estar a par de quaisquer diferenças fundamentais entre o estoicismo e o pensamento de Paulo.

De fato, há grandes discordâncias entre o cristianismo e o estoicismo, apesar de introduzirmos pouquíssimo deles neste estudo. Seja como for, na medida em que podemos importar sentidos estóicos para o termo, o contentamento cristão também mostra uma relativa indiferença às coisas materiais, uma suspeita ou mesmo supressão das emoções, ao mesmo tempo que apreciando grandemente o pensamento racional e a virtude da satisfação interior. O que distingue o cristianismo é a razão e a base da qual é derivada tal opinião sobre o contentamento.

Inserindo uma nota à parte, muitos ensinam que o cristianismo é a favor de uma livre expressão das emoções, alguns até fazendo disso uma marca da vida cheia do Espírito. Entretanto, isso advém da psicologia popular e da filosofia secular, não do ensino bíblico. O espírito produz “domínio próprio” (Gálatas 5:23). Teólogos que se importam com a ortodoxia devem revisar o esquema inteiro da psicologia bíblica, o qual tem sido tão arruinado pelos entusiásticos, porém ignorantes hereges que alegam professar a fé cristã.

John W. Robbins diz o seguinte em sua breve análise histórica sobre o pentecostalismo:

O foco deles saiu da obra de Cristo para a sua própria, do objetivo para o subjetivo... No tempo dos reformadores, os munzeritas e os anabatistas radicais davam grande proeminência à obra e aos dons do Espírito. Seu brado era: “O Espírito! O Espírito!”, mas Lutero replicava: “Eu não seguirei para onde o espírito deles leva”. Eram os carismáticos do século dezesseis... Presentemente, é considerado blasfêmia falar contra as operações sobrenaturais dentro do movimento carismático. Um espírito de certeza jactanciosa e intolerância arrogante tem sido freqüentemente manifestado por aqueles que “possuem o espírito”. A preocupação com a experiência íntima está conduzindo multidões de volta à filosofia religiosa da Idade das Trevas e da igreja medieval...

Muitos protestantes parecem estar tão paralisados quanto Melancton, quando esse não soube se tinha ou não de falar abertamente contra os fanáticos espiritualistas que vieram a Wittenburg quando Lutero esteve escondido no Castelo de Wartburg. Foi essa questão que levou o grande reformador a sair de onde se ocultava e arriscar sua vida. Gritaram os líderes cheios do espírito ao ser-lhes concedida uma entrevista com Lutero: “O Espírito! O Espírito!” O reformador, decididamente, não ficou impressionado. “Eu esbofeteio o seu espírito no focinho”, fulminou ele...²⁶

Robbins é um cessacionista na teologia, sustentando que os dons sobrenaturais do Espírito cessaram, e é a partir dessa base que ele ataca os pentecostais e os carismáticos. Ao mesmo tempo que estou convencido de que a evidência bíblica confirma a operação nos dias correntes de milagrosas capacitações através dos crentes, prontamente concordo que a maioria

²⁶ John W. Robbins, “Appendix: Evangelicalism, the Charismatic Movement, and the Race Back to Rome”, do livro *The Holy Spirit*, de Gordon H. Clark; Jefferson, Maryland: The Trinity Foundation, 1993; p. 101-116.

das críticas dos tradicionais círculos protestantes contra os cristãos carismáticos são justificadas.

A teologia e as práticas dos pentecostais e dos carismáticos são, na maioria das vezes, mais heréticas do que o contrário. Em quase todo ponto da teologia cristã, eles são, na melhor das hipóteses, aberrantes, e por vezes grosseiramente heréticos e anticristãos. Seu sistema inteiro de teologia tem pouca coisa em comum com a fé bíblica. Naturalmente, o que estamos declarando é uma generalização — alguns classificam a si mesmos como pentecostais e carismáticos, os quais, ao mesmo tempo, atestam um sistema doutrinal mais ou menos ortodoxo, mas os tais são raros.

Por conseguinte, é sábio criarmos uma distinção entre os continualistas — ou seja, aqueles que concordam que os dons ainda estão em uso hoje em dia — e os pentecostais e carismáticos integrais. Além de serem continualistas, os últimos também aceitam os ensinamentos heréticos comumente associados com tais grupos. Este escritor afirma a teologia da reforma, com seu moto de *sola Scriptura*, como a autêntica fé cristã. Ao mesmo tempo, nego que isso me impeça de defender a continuação dos poderes milagrosos por meio dos cristãos em cada geração.

Robbins continua:

O cristianismo americano está se afogando em um mar de subjetivismo religioso. A literatura carismática (e com ela incluímos todo seu reavivalismo subjetivo) está infestando a terra como os sapos do Egito... Nunca houve tanto volume de literatura tão vazia do Evangelho de Cristo. Dificilmente há nele um pensamento extrínseco, objetivo. Isso tudo é... um retorno ao misticismo medieval, sentimental e efeminado. Não é de se maravilhar que um dos pontos de diálogo entre os líderes pentecostais e a Igreja Católica Romana é a notável semelhança entre o misticismo pentecostal e o católico... E agora, ser crítico do catolicismo é uma obscenidade nos círculos evangélicos.²⁷

Rick Joyner escreveu um livro intitulado, *Shadows of Things to Come*.²⁸ Nele, repreende os cristãos por rejeitarem os católicos *carismáticos* no terreno doutrinário, dizendo que não temos direito algum de repudiar aqueles a quem Deus aceitou, e cita o incidente sobre Cornélio em Atos 10.47. Contudo, é Deus quem nos diz para nos opormos àqueles que se apegam a falsas doutrinas.²⁹

Cornélio, havendo aceitado a pregação de Pedro, deu completo assentimento à doutrina do apóstolo. O que de início impedia o apóstolo de reconhecê-lo como um candidato à graça divina salvífica era sua origem étnica, não a posição doutrinária; o último estava ansioso para aceitar o que Pedro lhe contou. Por outro lado, aos judeus que rejeitam o ensino apostólico é negada a salvação, chamassem eles a si mesmos de carismáticos ou não.

Ou devemos também acolher gente como Simão, o mágico, como crentes de verdade (Atos 8.5-23)? Talvez Joyner nunca tenha lido Mateus 7.22,23: “Muitos me dirão naquele dia:

²⁷ Ibid.

²⁸ Rick Joyner, *Shadows of Things to Come*; Nashville, Tennessee: Thomas Nelson Publishers, 2001; Capítulo 10.

²⁹ Vide Mateus 16.11,12; 2.ª Coríntios 11.3,4; Gálatas 1.6-9; 1.ª João 4.1; Apocalipse 2.2.

‘Senhor, Senhor, não profetizamos em teu nome? Em teu nome não expulsamos demônios e não realizamos muitos milagres?’ Então eu lhes direi claramente: Nunca os conheci. Afastem-se de mim vocês, que praticam o mal!”. A salvação vem apenas da crença nas doutrinas corretas, e não por ser um “carismático”.

Contra a posição anticristã de Joyner, o ensino bíblico impõe que aceitemos ou rejeitemos a outros principalmente, se não unicamente, no terreno doutrinário. O que parecem ser outras questões na base da qual devemos aceitar ou rejeitar outros são, na maioria das vezes, derivadas de posições teológicas, com discordâncias em princípios morais como um exemplo. Por essas mesmas razões — ou seja, as teológicas — devemos repudiar os ensinamentos de Joyner. As crenças e as práticas carismáticas em geral merecem um ataque muito mais ofensivo e cabal, mas devemos aguardar uma outra ocasião.

Voltando à nossa discussão, as diferenças entre as premissas cristã e estóica são importantes porque somente pressuposições verdadeiras são capazes de, mediante um processo válido de dedução, produzir conclusões verdadeiras. Embora os estóicos possam asseverar um tipo de contentamento de certa forma semelhante ao cristianismo, tal alegação não pode ficar de pé se as premissas que levam a tal conclusão forem injustificáveis. Visto que minha meta não é explicar as suposições básicas do estoicismo, mas apenas suas opiniões sobre contentamento a fim de ilustrar o ensinamento de Paulo sobre o assunto, prosseguiremos para expor sobre a base e o sentido do contentamento cristão.

Demonstramos que o amor ao dinheiro é antitético à fé cristã, e a religião não deve ser seguida por causa do ganho financeiro. Todavia, Paulo diz que a verdadeira piedade é de fato proveitosa em um outro sentido, possuindo promessa para essa vida e a vida vindoura. Como diz Jesus em Mateus 19:29: “E todos os que tiverem deixado casas, irmãos, irmãs, pai, mãe, filhos ou campos, por minha causa, receberão cem vezes mais e herdarão a vida eterna”. A verdadeira piedade, do tipo que não está atrás de dinheiro, mas que exhibe profundo contentamento, é mais proveitosa no todo do que o amor ao dinheiro.

Diferindo dos ensinamentos de algumas religiões, o contentamento cristão não é uma eliminação de todo desejo, mas antes uma intensificação do desejo de alguém por Deus a um ponto onde todas as outras coisas se tomam relativamente insignificantes. Diz o Salmo 42:1: “Como a corça anseia por águas correntes, a minha alma anseia por ti, ó Deus”. Paulo condena suas credenciais terrenas a fim de buscar a Cristo: “Mas o que para mim era lucro, passei a considerar como perda, por causa de Cristo. Mais do que isso, considero tudo como perda, comparado com a suprema grandeza do conhecimento de Cristo Jesus, meu Senhor, por quem perdi todas as coisas. Eu as considero como esterco para poder ganhar Cristo” (Filipenses 3:7,8).

Contra o ponto de vista de que as coisas físicas são más e corruptas em si mesmas, a Bíblia ensina que “tudo o que Deus criou é bom” (1Timóteo 4:4). O corpo não é mau em si mesmo; é a mente que peca por meio dele. E as posses materiais não são más, mas é a mente que produz maus pensamentos a respeito delas. O contentamento cristão, sendo um estado de espírito, encontra assim sua satisfação em Deus, da qual uma relativa indiferença para com as riquezas materiais resulta naturalmente.

O cristianismo popular e o misticismo confundem de tal modo o “negar a si mesmo” com o ascetismo que não conseguem separar corretamente os dois. Embora Jesus diga que “Se alguém quiser acompanhar-me, negue-se a si mesmo, tome a sua cruz e siga-me” (Mateus

16:24), o cristianismo não é uma religião ascética, onde o *slogan* é: “Não manuseie!, Não prove!, Não toque!” (Colossenses 2:21).

Em Filipenses 4:11-13, Paulo define o tipo de contentamento que ele tinha em mente, tanto quanto a fonte dessa virtude: “...aprendi a adaptar-me a toda e qualquer circunstância. Sei o que é passar necessidade e sei o que é ter fartura. Aprendi o segredo de viver contente em toda e qualquer situação, seja bem alimentado, seja com fome, tendo muito, ou passando necessidade. Tudo posso naquele que me fortalece”.

Estar contente em “toda e qualquer situação”, independente das circunstâncias externas, é a virtude do contentamento. Mas ela não é o contentamento *cristão*, a menos que sua fonte seja a mesma da de Paulo. Ele diz que pode estar contente em qualquer situação porque “tudo posso naquele que me fortalece”. Ao passo que o contentamento designa no estoicismo uma *auto-suficiência*, o contentamento bíblico é aquele produzido pela capacitação divina.

Ou seja, um crente é capaz de ficar contente em várias circunstâncias porque Deus fortalece sua alma. Assim, o contentamento de modo algum é um sinal de fraqueza ou resignação, mas de vigor e maturidade espirituais. De modo oposto, um amante do dinheiro é também alguém fraco, imaturo e ignorante.

Dizer que esse tipo de contentamento impede alguém de agir bem na própria carreira ou nos próprios negócios pressupõe que ganância e a insatisfação são as únicas motivações eficazes para o trabalho. O contentamento cristão elimina sim o ganho financeiro como o objetivo principal e, assim, não sacrificará o tempo com Deus e a família por causa do sucesso profissional; entretanto, os preceitos da Bíblia fornecem amplas razões para ser diligente no próprio trabalho.

Um crente é mais motivado pelas virtudes da piedade e da excelência do que pela perspectiva do ganho monetário. Ele deseja agradar a Deus em tudo o que faz, para prover para sua família, e ajudar a financiar o evangelho. A ética cristã do trabalho considera fatores tais como a onipresença e a onisciência divinas, recompensas presentes e futuras e as obrigações morais para obedecer aos mandamentos divinos. Quem crê nessas verdades bíblicas trabalha para honrar a Deus, não para obter o favor dos homens e, desse modo, torna-se um trabalhador consciente e leal que persegue a excelência sem supervisão e ameaças constantes. Ao invés de desalentar a motivação ao labor, o ensinamento bíblico cria o trabalhador ideal.

A explicação de Paulo sobre o contentamento também nos acautela contra algumas formas de modelos de ministério moderno. Nos anos recentes, o poder do “trabalho em equipe” tem sido exaltado forte e energeticamente. A ênfase é amiúde colocada em quão débil é cada crente quando deixado sozinho, e em como ele pode contribuir quando se junta com outras pessoas igualmente impotentes. A mentalidade “cavaleiro solitário” é condenada, e os exemplos bíblicos em contrário são descartados como exceções do Antigo Pacto.

Novamente, isso se assemelha mais a princípios da psicologia popular e das modernas teorias do *business management* que à divina revelação. Exagera e distorce os preceitos bíblicos concernentes à comunidade cristã e à edificação mútua até o ponto de ameaçar a suficiência de Deus. Uma outra manifestação disso é o ensino de que cada cristão requer apoio emocional de outros; isso também advém da psicologia moderna, e não da Bíblia.

A maioria dos leitores, quando encontram alguma coisa que lhes desagrade, tendem a ler até com mais falta de cuidado do que o usual, e saem com uma compreensão deturpada do que está sendo dito. Eu não nego o ensino bíblico sobre a edificação mútua e mesmo alguma espécie de ministério em equipe, mas recuso a opinião que diz que tal coisa seja sempre necessária. Deus tem a prerrogativa para assim instruir e fortalecer um crente que não tenha a necessidade de ninguém mais, e os versículos que estamos estudando indicam que é nossa obrigação obter esse vigor e essa estabilidade interiores.

Devido à incompetência da maior parte dos crentes, é frequentemente mais eficaz designar um obreiro capaz para uma dada tarefa, ou pelo menos limitar os números daqueles envolvidos para um grupo menor, como no caso de Gideão (Juízes 7:1-7). A maioria das pessoas é deficiente em habilidade e intelecto, seja na igreja ou no escritório. Naturalmente, se elas estão desejosas de serem treinadas, devemos saudar sua participação. Porém, muitos estão relutantes em aprender.

1Coríntios 12-14 encoraja o respeito pelos dons espirituais dos outros, e ensina a necessidade deles no corpo de Cristo, mas isso não serve de vaticínio de que *ninguém* terá êxito como cristão se deixado a si próprio, como alguns daqueles defensores do ministério em equipe tendem a sugerir. Reconhecidamente, a maioria dos cristãos professos nunca alcança a suficiência interior durante suas vidas, nem de fato tentarão mesmo aprender. E admito que um crente que esteja sem auxílio ou instruções de outros exige maior graça para perseverar, mas isso apenas serve para ilustrar o ponto de que a graça de Deus é suficiente. Se Deus está disposto a dotar alguém de habilidade tal para operar e desenvolver-se por si próprio, quem somos nós para objetar, especialmente quando não há preceito bíblico algum que impeça isso de se suceder?

Escreve Paulo: “Portanto, que diremos, irmãos? Quando vocês se reúnem, cada um de vocês tem um salmo, ou uma palavra de instrução, uma revelação, uma palavra em uma língua ou uma interpretação. Tudo seja feito para a edificação da igreja” (1Coríntios 14:26). Essa é a maneira que deve ser. Mas, como é o caso de muitas congregações, se um hino apenas significa palavras de um cartão de saudação cantado à música de *rock* contemporânea, uma língua somente quer dizer duas ou três sílabas repetidas em rápida sucessão, uma revelação apenas quer dizer a expressão da opinião subjetiva e bem informada de alguém, e se, talvez afortunadamente, ninguém mesmo amole oferecendo uma palavra de instrução, então o que temos é uma equipe, mas nenhum ministério. De modo similar, pode haver uma equipe no escritório, mas muito pouco trabalho ser feito. Ter uma equipe nem sempre significa que esteja caminhando para ser “ministério em equipe” ou “trabalho em equipe”.

Aqueles que defendem o ministério em equipe, e a impotência do crente individual, podem citar um versículo tal como: “Se um cair, o amigo pode ajudá-lo a levantar-se. Mas pobre do homem que cai e não tem quem o ajude a levantar-se!” (Eclesiastes 4:10). Boa! Eu respondo com Judas 24,25: “*Aquele* que é poderoso para *impedi-los de cair* e para apresentá-los diante da sua glória sem mácula e com grande alegria, ao único Deus, nosso Salvador, sejam glória, majestade, poder e autoridade, mediante Jesus Cristo, nosso Senhor, antes de todos os tempos, agora e para todo o sempre! Amém”. Naturalmente o crente precisa de ajuda, mas quem diz que ela deve vir, sem exceção, de outros seres humanos? O objetivo aqui não é defender uma mentalidade “cavaleiro solitário”, mas afirmar a suficiência de Deus.

Paulo escreve a Timóteo, dizendo: “Na minha primeira defesa, ninguém apareceu para me apoiar; todos me abandonaram. Que isso não lhes seja cobrado. Mas o Senhor permaneceu ao meu lado e me deu forças, para que por mim a mensagem fosse plenamente proclamada e todos os gentios a ouvissem. E eu fui libertado da boca do leão. O Senhor me livrará de toda obra maligna e me levará a salvo para o seu Reino celestial. A ele seja a glória para todo o sempre. Amém” (2Timóteo 4.16-18).

Com frequência se argumenta que Paulo trabalhava com uma equipe. Ele trabalhava, mas passagens onde Paulo mantinha-se firme mesmo quando estava sozinho são amiúde negligenciadas. Por outro lado, o argumento que diz que até Jesus tinha uma equipe de discípulos ajudando-o *não é* verdadeiro, visto que frequentemente parece que os discípulos o atrapalharam mais do que o ajudaram. Eles eram um constante incômodo, lerdos para apreender as questões doutrinárias, e o Senhor amiúde se irritava visivelmente com eles por diversas vezes. Ele estava os ensinando e treinando para o futuro ministério deles, e não requeria seu auxílio. Então alguns objetam que até Jesus requisitava que seus discípulos o apoiassem em oração antes de sua prisão. Mas eles dormiram, não foi?

Jesus demonstra suficiência bíblica íntima quando diz: “Aproxima-se a hora, e já chegou, quando vocês serão espalhados cada um para a sua casa. Vocês me deixarão sozinho. Mas eu não estou sozinho, pois meu Pai está comigo” (João 16:32). Se temos recebido “o espírito de adoção de filhos, segundo o qual bradamos: Abba, Pai” (Romanos 8:15), então o que nos impede de também dizer: “Vocês me deixarão sozinho. Mas eu não estou sozinho, pois meu Pai está comigo”?

Servir a Deus como comunidade, combinando nossos dons e recursos espirituais, é escriturístico. Por outro lado, uma ênfase incorreta no ministério em equipe nega a suficiência divina e se torna uma doutrina humanista. Paulo diz: “aprendi a adaptar-me a toda e qualquer circunstância” (Filipenses 4:11). Ser contente, no sentido bíblico, é “estar completamente desprendido das circunstâncias”,³⁰ em vez de estar necessitado e desesperado. É uma manifestação de conhecimento e maturidade espirituais.

O versículo diz que isso é algo que devemos aprender, indicando que não nascemos com ele; assim, que não nos evadamos da necessidade de desenvolver uma tal virtude fingindo que ele quer dizer algo mais. Ela é uma independência e suficiência intelectual e psicológica totais aprendidas pelo crente e sustentadas pelo poder de Deus. E só porque um crente é independente não significa que seja arrogante e obnoxio. Ele pode ser muito disposto para cooperar com outros na execução de metas comuns, porém, não *precisa* deles para funcionar como ser humano ou como cristão.

A ignorância e a incompetência tagarelas dos cristãos professos somente pode ser remediada mediante instruções teológicas sadias. Da mesma forma, apenas a pregação bíblica vigorosa e persistente pode trocar o amor ao dinheiro por piedade e contentamento na igreja. Assim, “para isso eu me esforço, lutando conforme a sua força, que atua poderosamente em mim” (Colossenses 1:29).

Relacionando tudo isso com os bens, a Bíblia diz que a piedade é grande ganho, e uma suficiência íntima produzida pelo conhecimento e pelo poder de Deus dentro de um crente é

³⁰ *Practical Word Studies in the New Testament, Vol. 1*; Chattanooga, Tennessee: Leadership Ministries Worldwide, 1998; p. 401.

capaz de libertá-lo do amor ao dinheiro, com todas as suas conseqüências destrutivas. O crente que se contenta é interiormente satisfeito através do poder que Deus provê, e não mais cobiça riquezas materiais; entretanto, isso não o impede de encontrar sucesso em sua carreira ou empreendimentos de negócio, apenas que é psicologicamente independente desses fatores externos. Ele exibe uma serenidade e uma calma não igualadas pelos gurus das religiões pagãs, e não tem de se segregar da sociedade a fim de alcançar esse estado mental.

O contentamento cristão não é da espécie estóica; não é baseado na suficiência do eu, mas na suficiência do poder divino disponibilizado para nós por meio de Cristo. Crente algum mostra imediatamente esse tipo de maturidade e vigor de início, mas é uma virtude aprendida, parte integrante do processo de santificação que se iniciou quando ele primeiro creu. Até um rico, que não conhece segurança nenhuma exceto a de sua riqueza, pode aprender a se tornar um cristão com contentamento. Jesus diz que “dificilmente um rico entrará no Reino dos céus” (Mateus 19.23), visto que o culto a Deus e Mamom são mutuamente exclusivos, e é difícil para o rico renunciar a seu ídolo. Mas Jesus depois assegura que “para o homem é impossível, mas para Deus todas as coisas são possíveis” (v. 26).

3. ORIENTAÇÃO BÍBLICA E TOMADA DE DECISÃO

Muitos cristãos desejam achar “a vontade de Deus”. Há numerosos livros escritos para lhes mostrar como descobrir ou discernir o que Deus deseja que façam em uma dada situação. O problema é que a maioria dos escritores começa partindo de um modelo ou compreensão da natureza da vontade divina antibíblicos, de modo que os métodos que eles sugerem aos leitores obscurecem a questão em vez de serem verdadeiramente úteis. No estudo que se segue, delinearemos brevemente o ensino bíblico sobre a orientação divina, começando com uma explicação sobre o correto significado de achar a vontade de Deus — isto é, a natureza do que estamos tentando descobrir em primeiro lugar.

Ora, a Bíblia diz: “As coisas encobertas pertencem ao SENHOR, o nosso Deus, mas as reveladas pertencem a nós e aos nossos filhos para sempre, para que sigamos todas as palavras desta lei” (Deuteronômio 29:29). Baseado nessa passagem, podemos distinguir entre os dois sentidos ou significados que o termo pode ter, “a vontade de Deus”.

Primeiro, a “vontade” de Deus pode se referir à sua soberana vontade. Essa é a que o Senhor decidiu ou decretou que acontecesse desde toda a eternidade. Visto que a Bíblia ensina que todas as coisas foram de antemão ordenadas por Deus, isso significa que todos os eventos, incluindo as decisões humanas, ficam debaixo dessa categoria. Tudo que está dentro da soberana vontade divina (que é tudo a respeito de tudo), certamente acontecerá tal como Deus determinou, e não é influenciada por qualquer fator externo a ele mesmo.

O conteúdo da soberana vontade divina nos é conhecido somente através de revelação, como nas profecias bíblicas, ou por observação do passado. Ou Deus nos conta seu plano soberano antecipadamente, ou vamos conhecê-lo após o fato. Visto que a maioria do que está debaixo dessa categoria da vontade divina permanecerá oculto de nós, não é a base da qual tomamos nossas decisões cotidianas. Devido à sua natureza, esse aspecto da vontade divina é chamado pelos teólogos, de modo variado, como sua vontade soberana, oculta, decretada ou secreta.

Por outro lado, a passagem acima menciona que “as [coisas] reveladas pertencem a nós”. O que são “as [coisas] reveladas”? O versículo continua dizendo: “... para que sigamos todas as palavras desta lei”. Enquanto o primeiro sentido da “vontade de Deus” faz referência a seus decretos quanto ao que vai e ao que deve acontecer, esse segundo sentido do termo alude aos seus preceitos revelados que impõe como devemos pensar e agir. Assim, a última é freqüentemente chamada de sua vontade revelada, preceptiva ou moral. Visto que ela nos é revelada na forma das palavras registradas na Escritura, a vontade preceptiva de Deus é a base a partir da qual tomaremos nossas decisões.

Tomado em conjunto, o versículo quer dizer que as coisas mantidas secretas para nós pertencem à mente divina apenas, e que não devemos especular a respeito de seu conteúdo ao tomar nossas decisões, mas conformar nosso pensamento e comportamento com “as [coisas] reveladas... a nós”, a saber, “as palavras desta lei”. Por exemplo, quando Deus já determinou o exato clima político e econômico deste país daqui a dez anos, é impossível para você fazer planos baseados nessa parte de sua vontade decretada, visto não ter essa parte da informação. Antes, você deve aprender e aplicar os preceitos ensinados pelas palavras da Escritura ao decidir o que fazer.

O exposto acima contraria ao que é ensinado a muitos. Ao invés de adotarem esse modelo na compreensão da “vontade de Deus”, querem dizer pelo termo o que Deus deseja para nós com respeito a detalhes específicos e singulares de nossas vidas, tais como nossa residência e profissão. Muitos procuram discernir a vontade divina como usada nesse sentido quando tentam decidir falar com uma pessoa específica acerca do evangelho, o que pedir num restaurante, ou para onde ir nas férias. Porém, tal informação é, comumente, extrabíblica, sendo parte da vontade soberana de Deus e, portanto, aqueles que a buscam inventam meios de receber tal informação à parte do estudo da Escritura.

Uma maneira de respondermos a isso é mostrar que, quando o termo “a vontade de Deus” (ou seu equivalente) é usado na Bíblia, com frequência não se refere ao seu querer soberano, e nos casos em que o faz, ou está subentendida como sendo incognoscível (Tiago 4:13-15), ou sendo revelada através de revelação especial ³¹ (tais como visões e sonhos), algo não esperado na tomada de decisão diária.

Alguns exemplos que podem indicar isso incluem os seguintes: “A vontade de Deus é que vocês sejam santificados: abstenham-se da imoralidade sexual” (1 Tessalonicenses 4:3); “Alegrem-se sempre. Orem continuamente. Dêem graças em todas as circunstâncias, pois esta é a vontade de Deus para vocês em Cristo Jesus” (1 Tessalonicenses 5:16-18); “Pois é da vontade de Deus que, praticando o bem, vocês silenciem a ignorância dos insensatos” (1 Pedro 2:15). A vontade divina é que os cristãos devem fugir de pecados sexuais, ser alegres, ter fervor na oração, dar graças, e fazer o bem.

Quando os cristãos usam o termo para indicar as instruções especiais de Deus em vez dos preceitos bíblicos, perdem o sentido das passagens escriturísticas onde esse termo é usado. Muitos deles, então, tomariam tais passagens para querer dizer que devem eles viver na vontade divina no sentido de que devem estar constantemente atentos à condução subjetiva, intuitiva e “sobrenatural” do Espírito Santo, sendo que a Bíblia ensina explicitamente que a “vontade de Deus” para nós é estar progredindo em santificação em Cristo — ou seja, viver como aqueles separados para a glória de Deus e tomar decisões sábias que sejam condizentes com sua justiça.

Paulo escreve aos colossenses dizendo que ele está pedindo a Deus “que sejam cheios do pleno conhecimento da vontade de Deus, com toda a sabedoria e entendimento espiritual” (1:9). Aplicando o que foi demonstrado acima, esse versículo não quer dizer que Paulo ora para os colossenses receberem orientação especial na forma de profecias, visões e sonhos a fim de tomarem decisões de conformidade com a soberana vontade de Deus. Antes, ele está pedindo a Deus para lhes dar “sabedoria e entendimento” com respeito às coisas espirituais de modo que eles possam intelectualmente apreender o conteúdo de sua vontade preceptiva como registrada na Escritura.

O resultado desejado para tal oração é que eles possam viver suas vidas de um modo que seja agradável a Deus: “E isso para que vocês vivam de maneira digna do Senhor e em tudo possam agradá-lo, frutificando em toda boa obra, crescendo no conhecimento de Deus”

³¹ Em teologia, os termos “revelação especial” e “orientação especial” podem aludir à própria Escritura, visto que nela, Deus provê revelação verbal explícita que faz com que sua vontade fique sem ambigüidade à mente humana, ao passo que sua auto-revelação na natureza ou o conhecimento *a priori* do homem podem ser chamados sua “revelação natural”. Entretanto, na presente discussão, utilizaremos tais termos como referindo-se a formas de revelação extra-bíblicas tais como visões, sonhos, profecias, vozes audíveis, ou impressões íntimas.

(v. 10). Segue-se também que é impossível para aqueles que são ignorantes da doutrina cristã terem certeza da vontade divina, não importa quantas visões e sonhos eles aleguem ver.

Visto que a Bíblia explicitamente diz que coisas tais como ação de graças e pureza sexual são a “vontade de Deus”, se não estamos progredindo em santificação, já estamos em violação à vontade divina, mesmo que estejamos trabalhando nos serviços certos, residindo no lugar certo, ou usando as roupas certas. A verdade é que a maioria não se importa em viver vida santa e comprometida, mas deseja estar na “vontade” de Deus para encontrar sucesso ou, ao menos, evitar sofrimento. Eles querem saber da vontade dele de modo a poderem estar no lugar certo na hora certa, e encontrar as pessoas certas; desejam fazer os investimentos certos (como nos lucrativos) e sempre fora do caminho do prejuízo. Mas querem pouca coisa com as crenças certas e a conduta santa.

Está mentindo quem alega ter desejo pela vontade de Deus, mas não faz as coisas que ele manda. Como Jesus diz: “Por que vocês me chamam ‘Senhor, Senhor’ e não fazem o que eu digo?” (Lucas 6:46). Ele não quer verdadeiramente agradar a Deus. Essa admoestação estranhamente “resolverá” um problema que angustia a muitos cristãos professos, a saber, o temor de que estejam fora da vontade divina. Se alguém não é obediente à Escritura, não há necessidade alguma de se admirar acerca disso — ele pode estar certo de que já está fora daquela vontade. Um retorno a ela consistirá de arrependimento, um estudo diligente da doutrina bíblica e obediência às palavras da Escritura.

Ora, quando “a vontade de Deus” tem o sentido de o querer divino soberano, estamos aludindo à sua vontade oculta e decretada — e tudo o que ele decretou certamente acontecerá. Porém, quando “a vontade de Deus” significa as leis divinas, estamos nos referindo ao seu querer revelado e preceptivo — e seus preceitos são amiúde violados pelos seres humanos. Os decretos soberanos de Deus sempre ocorrerão, mas seus preceitos são frequentemente desobedecidos.

A relação entre a vontade divina decretada e a preceptiva é tal que, nos casos onde seus preceitos são violados, é porque seus decretos levaram a assim ser. Esses jamais falham, ainda que, com freqüência, ele decrete que seus preceitos sejam quebrados pelos seres humanos, que então serão responsáveis pelos próprios pecados. É apenas um outro modo de dizer que nada acontece sem Deus como sua derradeira causa, enquanto que, como agentes secundários em executar os decretos divinos, os seres humanos são moralmente responsáveis por obedecerem a seus preceitos como revelados na Escritura.

Oferecerei uma ilustração. O exemplo será extremo e não comum à experiência de todos, e a opinião correta será óbvia, de modo que não haverá nenhum obstáculo desnecessário para compreender o processo de tomada de decisão. Suponha que Tim esteja alimentando a idéia de matar John. Deus já determinou se o assassinato ocorrerá ou não, mas, visto que o decreto divino sobre essa questão é desconhecido a Tim, é impossível a ele basear sua decisão nisso. Contudo, Tim descobrirá o conteúdo de sua vontade oculta após o fato — ou seja, se terminar matando John, então isso é o que Deus determinou; se ele decide contra matar John e deixa passar a oportunidade, então isso significa que Deus decidiu por Tim não assassinar John.

Visto que o decreto divino está ocultado de Tim, ele não pode ser o fator que o guia em seu pensamento enquanto toma sua decisão. Mas os preceitos bíblicos incluem o ensinamento: “Não matarás” (Êxodo 20:13), e isso é para ser um princípio guia para ele nessa

situação. Não obstante, isso não quer automaticamente dizer que Tim não deva matar John. Se o assassinato é a participação na morte injustificada de uma vida humana, então o conhecimento de preceitos bíblicos adicionais é exigido a fim de determinar se matar John se justifica. John pode ter sido achado culpado de um crime merecedor da pena capital, e acontece de Tim ser o carrasco. Nesse caso, não é assassinato para Kim matar John, antes, é sua obrigação moral.

Qualificações similares se aplicam a soldados em guerra defendendo sua nação, ou a alguém que mate em autodefesa. Conquanto pareça ser complexa a situação, a Escritura fornece instruções suficientes quanto a se alguém deve matar ou não. Nenhuma orientação especial na forma de visões, sonhos, profecias ou impressões íntimas são necessárias. O que é requerido é o conhecimento do ensino bíblico sobre o assunto, e a capacidade de aplicá-lo corretamente. Se Tim obedecer à lei moral divina nessa situação, isso foi determinado pela vontade oculta de Deus. Não está claro o que sucederá antes do fato, mas não há dúvida nenhuma quanto às obrigações morais de Tim. É importante observar que Tim tem informação suficiente para tomar uma decisão que esteja em perfeita conformidade com o querer de Deus sem qualquer conhecimento do que ele decretou.

No procedimento bíblico para a tomada de decisão, após haver eliminado as opiniões que a Bíblia declara serem pecaminosas, prosseguiremos para descartar aquelas que ela diz não serem sábias; então seremos comumente deixados com mui poucas opiniões para escolher, e, freqüentemente, apenas uma escolha legítima resta. Devemos também preferir as opções que melhor edificam a igreja e a nós mesmos espiritualmente. Porém, se mais de uma opinião permissível houver após isso, então a Escritura nos permite escolher baseado na conveniência ou em nossa preferência (Salmo 37:4); o que escolhermos nesse ponto será aceitável a Deus. Além de aplicar os preceitos divinos ao eliminar opiniões pecaminosas, a Escritura também prescreve obrigações positivas a que os cristãos são chamados a desempenhar, tais como o dar com generosidade e o estudo diligente da Bíblia.

Devemos também ter em mente que Deus pode influenciar os pensamentos e os desejos de uma pessoa, tanto quanto manipular suas circunstâncias em redor, de modo que, enquanto ela aplica os preceitos bíblicos à sua situação, a decisão resultante corresponderá precisamente ao plano divino singular para sua vida. Dessa maneira, a vontade específica de Deus para essa pessoa pode ser realizada sem o uso de orientação especial. Embora ele possa concedê-la para levar à mesma decisão, se é para assim agir é prerrogativa sua e não cabe a nós pedir. Devemos confiar que a palavra de Deus na Bíblia é suficiente para nos guiar a uma perfeita decisão, seja em situações gerais ou em casos altamente específicos e pessoais.

Se eu fosse pedir jantar em um restaurante, devo primeiro eliminar opções que sejam imorais (caso haja alguma), e então as que não sejam sábias (tais como aquelas devido a considerações de saúde). Após isso, se tiver mais de um item restante, como é provável, posso encomendar tudo o que quiser, e estará dentro da perfeita “vontade de Deus” no sentido moral. E após colocar o pedido, também virei a saber que essa é a vontade divina decretada. O exemplo da morte de John pode ser incomum, e o presente exemplo pode parecer trivial, mas isso é somente para evitar dar exemplos complexos que obscureçam o processo de tomada de decisão que está sendo defendido aqui. Uma vez entendido, esse procedimento bíblico para tomada de decisões pode ser aplicado a toda gama de várias situações simples e complexas que todos podem encarar na vida, tais como escolher uma escola, uma casa, uma igreja, uma carreira, um parceiro de matrimônio, tanto quanto várias decisões financeiras.

Ao contrário da opinião de muitos, mesmo os apóstolos, que eram especialmente inspirados de uma maneira não compartilhada por ninguém hoje em dia, de modo que foram mesmo capazes de escrever a Escritura, parecem ter tomado a maioria de suas decisões aplicando os preceitos divinos, em vez de depender de especial orientação em todo passo do caminho.

Reconheçamos que os Atos dos Apóstolos de fato contém vários exemplos em que Deus dirige seu povo sobrenaturalmente, como quando instruiu Pedro a ir e pregar a Cornélio em Atos 10. Não negamos isso, mas alegremente admitimos que Deus possa guiar-nos desse jeito sempre que desejar, e aquela orientação especial pode acontecer até nos dias atuais. Entretanto, o que gostaríamos de mostrar é que mesmo os apóstolos não trabalhavam sempre dessa maneira, que, até para eles, a orientação especial era a exceção e não a regra.

No início da Carta aos Romanos, Paulo escreve: “Deus, a quem sirvo de todo o coração pregando o evangelho de seu Filho, é minha testemunha de como sempre me lembro de vocês em minhas orações; e peço que agora, finalmente, pela vontade de Deus, seja-me aberto o caminho para que eu possa visitá-los” (Romanos 1:9,10). Paulo não diz que Deus lhe contou para visitá-los, mas o apóstolo está orando para que, “pela vontade de Deus” (ou seja, seu querer soberano), possa lhe ser permitido ir.

E a razão de Paulo para o seu desejo de visitar aqueles crentes não é que Deus especificamente lhe disse, mas ele fala: “Anseio vê-los, a fim de compartilhar com vocês algum dom espiritual, para fortalecê-los, isto é, para que eu e vocês sejamos mutuamente encorajados pela fé” (vv. 11,12). Ele deseja edificar seus companheiros de fé em Cristo, o que, naturalmente, está em concordância com os preceitos bíblicos.

Ele continua: “Quero que vocês saibam, irmãos, que muitas vezes planejei visitá-los, mas fui impedido até agora. Meu propósito é colher algum fruto entre vocês, assim como tenho colhido entre os demais gentios” (v. 13). É Paulo quem planejou “muitas vezes” visitar os romanos, mas até aquele momento fora impedido de assim fazer. Não há menção alguma de Deus lhe dizendo para ir, nem está Paulo a par dos obstáculos ameaçadores enquanto planeja sua visita. Evidentemente, o apóstolo está aqui trabalhando não por orientação especial, mas mediante raciocínio humano responsável governado pelos preceitos divinos.

Então, em 2Coríntios 2:12,13, lemos: “Quando cheguei a Trôade para pregar o evangelho de Cristo e vi que o Senhor me havia aberto uma porta, ainda assim, não tive sossego em meu espírito, porque não encontrei ali meu irmão Tito. Por isso, despedi-me deles e fui para a Macedônia”. Paulo diz que o Senhor tinha aberto uma porta para ele pregar, mas, porque Tito, que havia concordado em encontrá-lo, não apareceu, esse apóstolo desistiu dessa oportunidade para o ministério e foi para a Macedônia.

Disse-lhe Deus para deixar Trôade? O próprio Paulo diz que foi “o Senhor” quem criou a oportunidade para pregar o evangelho ali. Mesmo sem o pano de fundo histórico para essa passagem, pode-se de pronto ver que Paulo saiu, não devido à orientação especial, mas simplesmente “porque não encontrei ali meu irmão Tito”. Há várias passagens similares na Bíblia em que ela mostra que a igreja primitiva, embora abençoada com muitos milagres e casos de orientação especial, não operou unicamente sobre tal, porém, dependia dos preceitos divinos em sua tomada de decisão.

Citando o professor de homilética Haddon Robinson: “Muitos olham para trás para o século primeiro como um tempo de unidade espiritual singular entre Deus e o homem. Alguns vêem Deus misteriosamente dirigindo cada ação dos crentes primitivos e suas congregações. Porém, quando olhamos para a maioria das decisões que os apóstolos tomaram, achamos uma coisa surpreendente: eles tomaram decisões como nós as tomamos. Eles olhavam para as suas circunstâncias e ofereciam a melhor solução disponível”.³²

Ele vai longe a ponto de dizer: “Devemos encarar o fato de que ‘como você sabe a vontade de Deus ao tomar as decisões da vida?’ não é uma questão bíblica! A Bíblia nunca nos diz para perguntá-la. E a busca de alguma versão personalizada da ‘vontade de Deus’ amiúde leva-nos em direção à obediência. Quando descobrimos a nós mesmos encarando as duras escolhas da vida — aquelas decisões dia sim, dia não que compõem o próprio tecido de nossa existência — não devemos buscar mensagens especiais da parte de Deus. Antes, devemos perguntar: ‘Como desenvolvemos as habilidades necessárias para fazer escolhas sábias e prudentes?’”.³³

Deus tem sim um querer individual, um “projeto” se você preferir, para cada pessoa — e seus planos para os eleitos são sempre bons (Romanos 8:28). Não tentamos diminuir esse fato, mas somente assinalar que os detalhes de tal projeto não são sempre revelados a nós e, portanto, não devemos tomar decisões baseadas em informação que não temos. Antes, temos de viver nossas vidas seguindo as instruções fornecidas pelos preceitos bíblicos.

Como o falecido James Montgomery Boice escreve: “...Deus de fato tem uma vontade específica (ainda que comumente oculta) para nós... Ele algumas vezes revela sim tal querer em situações especiais... Não podemos saber o que essa vontade específica é. Não precisamos ficar sob pressão para ‘descobri-la’, temendo que, se a perdermos, de algum modo estaremos fadados a uma vida fora do centro da vontade de Deus ou ao seu ‘segundo melhor’. Somos livres para tomar decisões com aquela luz e sabedoria que possuímos. Entretanto, podemos conhecer que ele tem sim uma vontade perfeita para nós, que o Espírito Santo está orando por nós de acordo com tal querer, e que essa vontade divina para nós será feita — porque Deus a decretou e porque o Espírito Santo está orando por nós nessa área”.³⁴

Desnecessário dizer que devemos afirmar a doutrina bíblica da absoluta soberania de Deus a fim de ter a confiança que seu plano singular será cumprido em nossas vidas. Muitos que defendem a dependência na orientação subjetiva em vez do padrão objetivo da Escritura não crêem que Deus exerce controle exaustivo sobre todo evento e decisão humanos e, dessa forma, na doutrina deles é inerente a possibilidade de que pode não se conseguir ouvir Deus em uma situação particular, e ficar preso para sempre na armadilha de sua vontade secundária ou “permissiva”.

Dentro do esquema bíblico, contudo, não há coisa tal como a vontade permissiva de Deus — ele não barganha conosco. Uma decisão, ou está de acordo com a santidade e a retidão, nesse caso agradando a ele, ou vai em rumo contrário à suas prescrições para nosso pensamento e nossa conduta e, por conseguinte, é pecaminosa. Deus não “permite” coisa alguma, mas ativamente decreta tudo que ocorre. E, sob o poder de seus decretos, nossas

³² Haddon W. Robinson, *Decision-Making by the Book*; Grand Rapids, Michigan: Discovery House Publishers, 1998; p. 123.

³³ *Ibid.*, p. 55.

³⁴ James Montgomery Boice, *Renewing Your Mind in a Mindless World*; Grand Rapids, Michigan: Kregel Publications, 1993; p. 124-125.

decisões ou são pecaminosas, ou não. Aqueles que insistem na autonomia humana, a razão mesma para a queda de nossos primeiros pais, resistem a tal doutrina. Mas eles sequer podem protestar contra a soberania de Deus a não ser pelo poder de seu decreto. Por outro lado, a companhia dos eleitos nele se deleita, dizendo: “Aleluia!, pois reina o Senhor, o nosso Deus, o Todo-poderoso” (Apocalipse 19:6).

Uma dificuldade maior que muitas pessoas têm contra essa abordagem escriturística é que elas não crêem que a Bíblia lhes forneça informação suficiente para tomarem a decisão “certa” em toda situação. Há várias coisas que podemos dizer em resposta.

Primeiro, o que muitos querem dizer quando desejam conhecer a “vontade de Deus” ao tomar suas decisões é que desejam descobrir a rota pela qual obterão sucesso em conformidade com padrões mundanos. Seu interesse primário não é achar o caminho de obediência que leva a agradar a Deus, mas sim a senda que os levará à fama, à riqueza e ao conforto. Para eles, a decisão “certa” numa situação de negócio não é apenas aquela que agrade a Deus no sentido de ser uma decisão moral e sábia, mas deve ser também uma que gere lucros. Uma que conduza a perdas financeiras é admitida como sendo “errada”, ainda que possa não violar quaisquer dos preceitos divinos. Nem todos que compreendem mal a natureza da vontade de Deus pensarão dessa maneira, mas muitos sim, e essa é a razão por que não estão satisfeitos com a abordagem bíblica para andar na vontade divina.

Por exemplo, a Bíblia não pode nos ensinar quais números escolher para ganhar na loteria, mas nos dá informação suficiente de modo que podemos tomar decisões no que diz respeito à nossa relação com a loteria que estarão em perfeita concordância com a vontade de Deus. Podemos chegar à conclusão que os preceitos bíblicos nos impedem de participar, antes de tudo, porém, isso faz parte de uma outra discussão. A questão é que a Bíblia contém tudo o que precisamos para ser cristãos perfeitos, significando que, se seguirmos seu ensino completamente, nunca pecaremos ou nos apartaremos do plano divino.

A Bíblia ensina que, quando obedecemos às normas escriturísticas, estamos tomando decisões não somente morais, mas também sábias, as quais freqüentemente resultarão em sucesso (Josué 1:8; Salmo 1). O problema é que não se admite que motivos oriundos da avareza e da autopreservação influenciem a definição de uma decisão “certa”. O sucesso material não deve ser considerado um produto necessário de tomar uma decisão correta, de modo que sem ele consideremos a nós mesmos como tendo tomado a “errada”, embora muitas vezes esse tipo de sucesso de fato será uma consequência natural de se fazer uma escolha bíblica. Qualquer decisão que esteja em perfeita consonância com os preceitos de Deus, os quais incluem os princípios de santidade e sabedoria, é uma decisão que está contentando a ele.

Um outro modo com que podemos responder a objeção contrária à abordagem bíblica quanto à tomada de decisão é que a Bíblia mesma reivindica ser suficiente para tudo da vida; logo, aquele que argumenta contra a suficiência da Escritura em fornecer orientação completa está, na verdade, lançando dúvida sobre a integridade da palavra de Deus, o que é blasfêmia.

Paulo escreve em 2Timóteo 3.16,17: “Toda a Escritura é inspirada por Deus e útil para o ensino, para a repreensão, para a correção e para a instrução na justiça, para que o homem de Deus seja apto e plenamente preparado para toda boa obra”. E Pedro diz: “Seu divino poder nos deu tudo de que necessitamos para a vida e para a piedade, por meio do pleno conhecimento daquele que nos chamou para a sua própria glória e virtude” (2Pedro 1:3). Se

podemos ser “preparado[s] para toda boa obra”, e possuir “tudo de que necessitamos para a vida e para a piedade” mediante o conhecimento que a Escritura provê, segue-se que, se tomarmos sempre decisões em estrita conformidade com a Bíblia, estaremos sempre tomando as decisões corretas, ou decisões que estejam de acordo com o querer de Deus, e nisso não pecaremos. É quando tomamos decisões que contrariam a Bíblia que vamos contra a vontade dele e cometemos pecado.

Terceiro, respondemos que a deficiência não está na Escritura, mas na ignorância da pessoa que considera a Bíblia insuficiente para dar orientações para tudo na vida. A alegação de que ela não nos dá informação suficiente para tomar toda decisão e discernir a vontade de Deus é forçosamente uma suposição injustificada, em vez de uma conclusão a que se tenha chegado por haver pesquisado de uma ponta a outra e compreendido o todo da Escritura.

Nesse ponto, há alguns que sugerem que a orientação especial (tais como visões e profecias) ainda é necessária para se tomar decisão precisamente porque não conhecem o suficiente do que diz a Bíblia. Mas o problema só pode ser solucionado obtendo-se mais conhecimento bíblico. Não faz sentido Deus nos dar a Bíblia e dizer para basearmos todas as nossas decisões nos seus preceitos, e então inquirir dele quanto ao que devemos fazer quando não sabemos o que ela diz. É nossa obrigação tomar decisões de acordo com a vontade divina, e o modo de se fazer isso é primeiro se informar do que diz a Bíblia, e então se submeter a seus preceitos ao tomar decisões.

Consentida, devido a nossa deficiência no entendimento, a escolha certa não é sempre imediatamente aparente, mas isso apenas quer dizer que devemos nos tomar mais diligentes em nosso estudo e mais cuidadoso em nosso raciocínio. Não saber o que a Bíblia diz acerca de certo assunto, ou não saber o bastante dela para avaliar certa situação, não significa que à Bíblia mesma falte tal informação, ou que o processo de tomada de decisão seja defeituoso.

Fica o fato de que a Bíblia afirma ser suficiente e, se professamos ser cristãos, devemos aceitar tal declaração. Repare que Pedro ensina que é através do “conhecimento” dela que temos “tudo de que necessitamos para a vida e para a piedade”. Precisamos obter conhecimento da Escritura para tomar decisões morais e sábias. Não há atalhos. Todas as decisões, desde o que se deve ter para jantar à vocação de sua vida, devem ser feitas por esse mesmo procedimento. Isso é verdadeiro mesmo se a orientação especial for concedida, visto que as próprias visões e profecias devem ser julgadas pelos preceitos bíblicos.

Diz-se amiúde que Deus deseja se comunicar com seu povo “diretamente”, no sentido de fornecer orientação especial, tal como na forma de visões, sonhos, profecias e voz audível, ou uma impressão íntima ou intuição. Não discuto se tais coisas de fato acontecem, mas minha preocupação é que muito do que é ensinado aos cristãos nessa área dá atenção indevida para com a orientação especial no lugar de colocar a ênfase na suficiência da Escritura.

Um falso ensinamento que contribui para compreensões errôneas sobre o assunto da orientação bíblica é que a oração deveria ser um diálogo ou uma conversa, por natureza. Aqueles que ensinam a partir desse ponto de vista dizem que Deus fala na maioria das vezes quando oramos, assim, precisamos desenvolver um tipo de oração de escuta. Contudo, nem nenhum lugar a Bíblia ensina que a oração é um diálogo. Onde a oração é ensinada ou registrada na Escritura, com maior frequência é um monólogo, com a pessoa se dirigindo a Deus sem resposta alguma do mesmo tipo.

Se lembrarmos as ocasiões em que Deus fala às pessoas na Bíblia, observaremos que não há nenhuma relação direta e necessária entre a oração e o ouvir a Deus, de modo que não é verdade que ele fala às pessoas na maioria das vezes quando estão orando. Na realidade, parece que o contrário é verdadeiro — na maioria dos casos em que Deus fala, é ele quem dá início ao evento, e não quando a pessoa está orando ou mesmo pedindo para ouvi-lo. Pode-se objetar que há exemplos em contrário, porém, o meu ponto de vista não é que Deus nunca fale às pessoas, ou que ele nunca fale a alguém que esteja orando. Antes, a afirmação que está sendo feita é que, em e de si mesma, a oração não é um diálogo com Deus, mas consiste apenas do homem dirigindo-se a ele.

Freqüentemente, argumenta-se que, se Deus é nosso Pai, então a oração deve ser um diálogo, visto que, quando falamos ao nosso pai terreno, nunca se trata de um monólogo que lhe é dirigido, mas um diálogo envolvendo interação com ele. Isso é verdade, mas o problema é que nós não nos prostramos para adorar nossos pais terrenos como fazemos para com Deus, nem entoamos canções de louvor a ele, nem chamamos as conversas com nossos pais terrenos de “oração”. Tampouco eles puseram por escrito sua vontade para nossas vidas em um livro ou, melhor ainda, fazendo assim por meio de profetas que tenham enviado. Além disso, não aproximamos de nossos pais através de mediadores, ao passo que a nossa relação com Deus só é possível através do ministério de mediação de Jesus Cristo (João 14:6; 1Timóteo 2:5).

Obviamente, nosso relacionamento com Deus não é exatamente como aquele com nossos pais terrenos. Aqueles que empregam tal analogia para argumentar a favor de uma vida de oração de diálogo cometem o erro de aplicar isso indiscriminadamente. Um lado negativo do efeito de tal ensino é a pressão que gera sobre o povo de Deus para ouvi-lo falar diretamente quando oram. E quando Deus não fala, eles ou imaginam que ele o faz e, desse modo, sofrem desilusão, ou ficam desapontados ou preocupados acerca de seu relacionamento com ele, quando pode não haver nada de especialmente errado com a condição espiritual deles, a não ser as deficiências comuns que os cristãos têm à medida que se desenvolvem em maturidade.

O professor Jay Adams, respondendo a uma lição de escola dominical que ele ouviu uma vez a respeito do assunto, escreve: “Em sua explicação... o mestre não conseguiu dizer-nos corretamente o lugar da oração no processo de receber orientação de Deus. Sua idéia — uma idéia muito comum, infelizmente — era que, ao orar, você deve ficar silencioso e esforçar-se para ouvir algum tipo de resposta dele. Esse erro faz eco a J. Oliver Buswell, que escreveu: ‘Nossa conversa com Deus é recíproca. Ele nos fala enquanto oramos, ainda que nem sempre reconheçamos sua voz’. A orientação revelada divina é tão difícil de se reconhecer? Os exemplos de orientação do Novo Testamento não nos dá qualquer indicação de que isso seja assim. Além do mais, onde que a Bíblia nos fala da oração como sendo conversa? Conversas, naturalmente, são recíprocas. Mas a oração na Escritura é sempre representada como o homem se dirigindo a Deus; nunca nos é dito para ouvir uma resposta na oração”.³⁵

Adams menciona aqui um problema a que ainda não nos voltamos, a saber, aqueles que ensinam que devemos estar constantemente atentos para ouvir a voz de Deus, seja no contexto da oração diálogo ou não, também a retratam como difícil de ouvir claramente. Comumente, podem dizer algo análogo ao que Buswell disse acima, que “nem sempre

³⁵ Jay E. Adams, *The Christian's Guide to Guidance*; Woodruff, South Carolina: Timeless Texts, 1998; p. 32-33.

reconhecemos sua voz”. Ou, podem dizer que “Deus está freqüentemente falando, mas nem sempre estamos ouvindo”.

Mas onde na Bíblia somos nós instruídos a estar sempre de guarda pela voz de Deus na orientação especial? Além do que, a voz dele nunca é descrita como ambígua, exigindo quietude íntima e muita concentração para que seja ouvida corretamente. Na Bíblia, Deus nunca falha em comunicar sua mensagem. Tal ensinamento resulta em muitos que alegam ter ouvido ele falar, mas ainda não estão seguros sobre o caminho que devem tomar, visto que, na realidade, não estão certos em absoluto se Deus falou, ou o que disse, se disse.

O que é dito aqui soa tão incomum a alguns leitores que, para que ninguém equivocadamente me tome com sendo cessacionista, tenho de afirmar que creio que Deus ainda fala na forma de orientação especial (tal como visões, profecias e voz audível), mas o presente caso é que ele fala claramente, e em qualquer meio que escolha para falar, ele é apto para sobrepujar a distorção e a resistência em nossas mentes até o ponto que devemos ser capazes de apreender a mensagem que ele está comunicando.

Na verdade, isso é porque a voz de Deus é ouvida mais sonoramente da Escritura, visto que consiste de documentos escritos que estão abertos ao exame público, de modo que uma comunidade inteira do povo dele pode se reunir e fazer cuidadosamente a exegese das passagens bíblicas para aprender a vontade e os preceitos divinos. Isso diminui a distorção resultante dos efeitos noéticos do pecado, e torna a Bíblia uma forma de orientação de longe superior a qualquer forma de manifestação sobrenatural — se apenas nos submetermos a sua própria afirmação, que contém informação suficiente para tudo da vida.

Como observa Robinson: “Esse livro soprado por Deus não somente é inspirado, mas quando entendemos e aplicamo-lo corretamente, ele é todo-suficiente, dando-nos tudo de que necessitamos para todas as decisões da vida, de modo que podemos ser tudo o que Deus quer que sejamos. Viver de acordo com a Escritura para nós é viver na vontade dele”.³⁶

A “voz” de Deus nem sempre alude a sua voz audível ou orientação especial. Por exemplo, Êxodo 15:26 diz: “Se vocês derem atenção ao SENHOR, o seu Deus, e fizerem tudo o que ele aprova, se derem ouvidos aos seus mandamentos e obedecerem a todos os seus decretos, não trarei sobre vocês nenhuma das doenças que eu trouxe sobre os egípcios, pois eu sou o SENHOR que os cura”. Que devemos ouvir sua “voz” é dito no contexto de admoestações para fazerem “tudo o que ele aprova”, para darem “ouvidos aos seus mandamentos” e “obedecerem a todos os seus decretos”. Ouvir a voz divina aqui simplesmente significa obedecer a Escritura, e de fato a Lei de Moisés foi recebida através da voz divina audível. A Bíblia é a voz de Deus para nós hoje.

Um outro versículo algumas vezes utilizado para encorajar uma busca ativa pela orientação especial de Deus é João 10:27, onde Jesus diz: “As minhas ovelhas ouvem a minha voz; eu as conheço, e elas me seguem”. Mas aqui ele se refere à vinda a Deus para salvação. Jesus diz que o único caminho pelo qual alguém pode chegar a Deus é por meio dele, e suas ovelhas — ou seja, aqueles a quem Deus de antemão escolheu para serem salvos — ouvirão sua voz, e assim virão a ser salvos pela fé nele. Em termos teológicos, ele está dizendo que através do evangelho de Jesus Cristo, a chamada eficaz ou convocação de Deus é estendida para a companhia dos eleitos, que é regenerada pelo Espírito, e responderão então em

³⁶ Robinson, p. 31.

arrependimento e fé, resultando em justificação e santificação. O versículo nada tem a ver com orientação especial.

E com referência ao Salmo 46:10, que diz: “Parem de lutar! Saibam que eu sou Deus”? Muitos distorcem o texto para dizer que os cristãos devem praticar o ficar quieto interiormente, especialmente durante tempos de oração, de modo a poderem receber orientação divina. Contudo, o versículo não diz: “Fiquem quietos para que vocês possam ouvir de Deus”; antes, julgando a partir do seu contexto, o sentido intencionado é mais próximo a “Calem a boca! Parem! E percebam que eu estou encarregado disso!” A NLT* traduz: “Estejam silenciosos, e saibam que eu sou Deus!” E a GNT† tem: “Parem de combater e saibam que eu sou Deus”.

Os versículos em redor nos fornecem o contexto apropriado para, a partir deles, compreender o verso 10: “Venham! Vejam as obras do SENHOR, seus feitos estupefacentes na terra. Ele dá fim às guerras até os confins da terra; quebra o arco e despedaça a lança; destrói os escudos com fogo. ‘Parem de lutar! Saibam que eu sou Deus! Serei exaltado entre as nações, serei exaltado na terra’. O SENHOR dos Exércitos está conosco; o Deus de Jacó é a nossa torre segura” (Salmo 46:8-11). O versículo não tem a orientação especial em vista, nem pretende prover instrução para a oração.

A opinião que estamos presentemente combatendo ensina que, ainda que visões e outras formas espetaculares de orientação sejam relativamente raras, receber instruções mediante o que é amiúde chamado de a “testemunha interna” ou “voz baixa e mansa” deve ocorrer bem freqüentemente — isto é, uma voz do Espírito inaudível comunicando informação intuitivamente ao nosso homem interior. Mas veja o texto do qual esse conceito vem: “E ele lhe disse: Sai para fora, e põe-te neste monte perante a face do Senhor. E eis que passava o Senhor, como também um grande e forte vento que fendia os montes e quebrava as penhas diante da face do Senhor, porém o Senhor não estava no vento; e depois do vento um terremoto, também o Senhor não estava no terremoto; e depois do terremoto um fogo, porém também o Senhor não estava no fogo; e depois do fogo uma voz mansa e delicada. E sucedeu que, ouvindo-a Elias, envolveu o seu rosto na sua capa, e saiu para fora, e pôs-se à entrada da caverna. E eis que veio a ele uma voz, que dizia: Que fazes aqui, Elias?” (1Reis 19:11-13, ERC).

A menos que alguém leia a passagem com o ensinamento da “testemunha interna” já pressuposto, é improvável que conclua que a “voz mansa e delicada” se refira a uma voz *inaudível* ou a uma impressão íntima. Antes, a maioria das pessoas entenderia de maneira natural, e correta, a expressão como aludindo a uma voz *audível*, ainda que seja “mansa e delicada”. O versículo 13 claramente afirma que “uma voz” falou a Elias.

O assunto fica mais óbvio quando lemos de outras duas traduções: “depois do terremoto um fogo, mas o SENHOR não estava no fogo; e depois do fogo um ciclo tranqüilo e suave” (ARA); “depois do terremoto houve um fogo, mas o SENHOR não estava nele. E depois do fogo houve o murmúrio de uma brisa suave” (NVI). Não há nenhuma razão para compreender o que Elias recebeu como sendo uma voz inaudível ou uma impressão íntima.

* Sigla da versão inglesa *New Living Translation* (n. do T.)

† Sigla da versão inglesa *Good News Translation* (n. do T.).

Há uma dificuldade comum encontrada por aqueles que ensinam essa forma de orientação especial, a saber, os textos que usam para apoio ensinam uma forma de orientação especial que é mais espetacular e não ambígua do que o que estão eles tentando promover. A presente passagem indica que Elias ouviu uma voz audível, não uma inaudível. Se tivermos de seguir seu exemplo, devemos estar esperando ouvir uma voz audível para nos guiar, e não impressões íntimas.

Então, há áreas nas quais alguns professores instruem os cristãos a ouvirem de Deus quando a Bíblia explicitamente nos diz para decidir baseados em certos princípios. Por exemplo, na área de dar: “Cada um dê conforme determinou em seu coração, não com pesar ou por obrigação, pois Deus ama quem dá com alegria” (2Coríntios 9:7). É comum ouvir alguns ministros dizerem: “Deixe que o Espírito Santo lhe diga quanto dar”, mas a Bíblia diz: “Cada um dê conforme determinou”.

Isso não quer dizer que tudo o que alguém escolha dar será a quantia correta, visto que há preceitos bíblicos relevantes que governam o dar apropriado. Entre outras coisas, Paulo enfatiza a alegria (9:7), a generosidade (v. 11) e a gratidão (v. 11). Se alguém decide ser sovina, ou se dá com relutância, já está fora da vontade divina — não há necessidade alguma de orientação especial para lhe contar como e o que dar, ou se esse ato de dar está agradando a Deus.

Provérbios 3:5 é um versículo favorito para aqueles que ensinam que devemos receber orientação especial sobre uma base regular: “Confie no SENHOR de todo o seu coração e não se apóie em seu próprio entendimento”. De acordo com eles, esse versículo nos ensina a não confiar em nosso próprio raciocínio e, por conseguinte, em vez de pensar sobre o que constitui um curso de ação moral e sábio em uma dada situação, devemos aquietar nossas mentes e ouvir a Deus para obter orientação especial, comumente recebida na forma de uma voz ou impressão íntima.

Entretanto, não há nada nesse versículo que indique isso. No contexto de Provérbios, ele simplesmente significa que, ao invés de tomar decisões independentemente dos preceitos bíblicos, devemos raciocinar conforme as palavras de Deus — tal como está escrito naquele mesmo livro.

Mais adiante em Provérbios, lemos: “Preste atenção e ouça os ditados dos sábios, e aplique o coração ao meu ensino. Será uma satisfação guardá-los no íntimo e tê-los todos na ponta da língua. Para que você confie no SENHOR, a você hoje ensinarei. Já não lhe escrevi conselhos e instruções, ensinando-lhe palavras dignas de confiança, para que você responda com a verdade a quem o enviou?” (22:17-21).

Repare que, quando prestamos atenção e ouvimos “os ditados dos sábios”, e nos tornamos tão versados com eles que os temos “na ponta da língua”, nossa confiança então está “no SENHOR”. A exortação a confiar no Senhor significa, portanto, confiar em e raciocinar de acordo com as palavras da Escritura em vez das idéias sobre as quais de outro modo basearíamos nossas vidas, aquelas talvez com base em costumes humanos e na nossa própria invenção. Confiar em Deus é pensar de conformidade com a Bíblia; no contexto de Provérbios, isso nada tem a ver com orientação especial.

Não nos é possível cobrir todas as passagens concernentes a essa matéria que foram distorcidas; assim sendo, porei um fim a esta seção lembrando o leitor que examine o

contexto e o pano de fundo daquelas que estão sendo utilizadas para apoiar ensinamentos comuns, porém errôneos sobre a orientação bíblica, e veja se elas têm a finalidade de dizer o que os professores alegam que elas dizem. Concluiremos com uma breve discussão sobre o papel da soberana vontade de Deus na tomada de decisão.

A soberana vontade divina não interfere quando se tenta tomar uma decisão baseada em ensinamento escriturístico. Entretanto, a Bíblia ensina sim que devemos reconhecer a operação de seu soberano poder mesmo quando elaboramos nossos próprios planos: “Ouçam agora, vocês que dizem: ‘Hoje ou amanhã iremos para esta ou aquela cidade, passaremos um ano ali, faremos negócios e ganharemos dinheiro’. Vocês nem sabem o que lhes acontecerá amanhã! Que é a sua vida? Vocês são como a neblina que aparece por um pouco de tempo e depois se dissipa. Ao invés disso, deveriam dizer: ‘Se o Senhor quiser, viveremos e faremos isto ou aquilo’” (Tiago 4:13-15). Quer dizer, se está dentro do querer soberano de Deus que isso aconteça, então viveremos e faremos isto ou aquilo. Mas, da nossa perspectiva, ainda planejamos o que será o “isto ou aquilo”, enquanto o próprio processo de planejamento é também governado pela vontade soberana dele, visto que nada pode ocorrer independente dela.

Eu posso decidir que devo ir a Nova Iorque amanhã. Ainda que não precise sempre declará-lo explicitamente, deve ser presumido que, se está dentro da soberana vontade de Deus, então viverei e serei capaz de levar a cabo esse plano de visitar Nova Iorque. Reconhecer o querer soberano dele é uma questão de piedade e humildade. Ainda que a operação de seu poder divino seja uma realidade constante, ela não interfere com a real orientação do meu planejamento. Meu raciocínio e minhas decisões devem ser governados pelos preceitos bíblicos, mas como as coisas realmente virão a ser, depende de seus planos e propósitos soberanos. Logo, o reconhecimento da vontade decretada de Deus é mais do que um gesto sem sentido, mas um reconhecimento humilde de algo que é real e poderoso.

Descobrimos no Novo Testamento que um reconhecimento explícito da soberania de Deus é um aspecto integral da cultura e da linguagem cristãs: “Mas irei muito em breve, se o Senhor permitir; então saberei não apenas o que estão falando esses arrogantes, mas que poder eles têm” (1Coríntios 4.19); “Mas, ao partir, prometeu: ‘Voltarei, se for da vontade de Deus’. Então, embarcando, partiu de Éfeso” (Atos 18.21); “Como não pudemos dissuadi-lo, desistimos e dissemos: ‘Seja feita a vontade do Senhor’” (Atos 21:14); “...de forma que, pela vontade de Deus, eu os visite com alegria e juntamente com vocês desfrute de um período de refrigério” (Romanos 15:32). O reconhecimento sincero do poder soberano de Deus sobre tudo o que existe e a obediência a seus santos preceitos são os que devem ser restaurados na igreja em nossos dias.

4. A MORTE DE UM CRISTÃO

Falando do Senhor Jesus Cristo, a Escritura diz em Hebreus 2.14:15: “Portanto, visto que os filhos são pessoas de carne e sangue, ele também participou dessa condição humana, para que, por sua morte, derrotasse aquele que tem o poder da morte, isto é, o Diabo, e libertasse aqueles que durante toda a vida estiveram escravizados pelo medo da morte”.

Se considerado com cuidado, não é difícil perceber que o motivo por trás de muitos dos pensamentos e ações dos incrédulos é precisamente este — um “medo da morte” traduzível em uma incerteza sobre como lidar com o aparente caráter final da morte física ou, pior ainda, a incerteza sobre se a tal tem como conseqüência, em primeiro lugar, o fim da própria existência, domina as filosofias, ocupações e planos daqueles que não possuem a esperança cristã. Por outro lado, nosso texto explica que aqueles que nosso Senhor salva foram libertados da escravidão, a qual, no presente contexto, aparentemente significa a servidão da alma resultante do medo da morte.

Por mais surpreendente que isso possa soar, há aqueles que interpretam mal o ensino bíblico concernente à relação do crente com a morte, a tal ponto que asseveram que os cristãos não precisam morrer em hipótese alguma devido à obra redentora de Cristo. O fato de eles morrerem — bem, de que todos os cristãos nos séculos passados tenham morrido — somente demonstra uma falha em se apropriar da promessa de Deus, talvez devido a uma falta de fé ou entendimento.

Aqueles que estão familiarizados com os meus escritos saberão que eu seria o primeiro a não levar em conta a experiência e os dados empíricos em favor da revelação bíblica. Isso não se deve a uma perspectiva fideísta* ingênua que ignore a evidência e os argumentos, mas a uma percepção de que a experiência por si mesma nada ensina e que o empirismo puro resulta em ceticismo epistemológico.

O conhecimento advém da revelação divina e de deduções válidas feitas a partir dela, e nunca pode vir da investigação puramente empírica. Em apologética, nosso argumento é que, a menos que o teísmo *cristão* — ou seja, a Bíblia inteira enquanto unidade — seja pressuposto, não se pode provar ou mesmo conhecer *coisa alguma*. Racionalidade, conhecimento, absolutos éticos e ciência empírica ficam esvaziados de qualquer justificação ou base autorizada. Demonstrando habilmente esse ponto apenas, o cristão é capaz de suprimir todos os argumentos em contrário oriundos de todas as cosmovisões e religiões cristãs existentes ou concebíveis.

A razão pela qual os incrédulos são capazes de saber toda e qualquer verdade, tais como a lei da não-contradição ou seus próprios nomes, é porque eles já pressupõem o teísmo cristão como uma suposição *a priori* inata, embora ao mesmo tempo se recusem a admiti-la, mesmo para si próprios, resultando, desse modo, em condenação eterna como punição para si (Romanos 1:18-32). A genuína iluminação intelectual só é possível por meio de uma humilde submissão à revelação de Deus na Escritura, e isso, por seu turno, apenas ocorre através da regeneração da alma iniciada e outorgada soberanamente por Deus. Sem entrar em detalhes de tal epistemologia, esse é o fundamento da cosmovisão que recebemos da Escritura.

* Relativo ao fideísmo, um erro teológico de algumas correntes católicas do século XIX, que sustentavam que a fé religiosa dependia do sentimento e não da razão, mesmo para as verdades naturais simples (N. do T.)

Conseqüentemente, concordo que, só porque todo cristão morre (até agora), não quer dizer que todo cristão *deva* morrer. Entretanto, a opinião afirmando que a obra redentora de Cristo impede a morte física dos crentes é, de fato, uma distorção do ensinamento bíblico. É a finalidade do que segue expor, embora de maneira breve e incompleta, o ensino bíblico sobre a natureza da morte, e a relação do cristão com ela.

Ainda que a obra de Cristo ao comprar a redenção para os eleitos tenha sido completa, a aplicação da redenção não o é. Por exemplo, ainda que ele tenha obtido nova vida para todos que seriam salvos, todos os eleitos não tinham sido ainda regenerados, e muitos ainda não haviam nascido. Da mesma forma, enquanto a imortalidade pertence ao cristão, sua aplicação plena não foi ainda realizada ou manifestada. Por essa razão, os teólogos falam de “já” e “ainda não” no cumprimento dos propósitos e do plano de Deus na história.

A Bíblia se refere à morte como “o último inimigo” (1Coríntios 15:26) mesmo quando diz que Cristo conquistou tudo através da sua morte e ressurreição. Hebreus 9:27 diz: “o homem está destinado a morrer uma só vez e depois disso enfrentar o juízo”. O apóstolo Tiago também lembra a seus leitores cristãos da mortalidade deles: “Ouçam agora, vocês que dizem: ‘Hoje ou amanhã iremos para esta ou aquela cidade, passaremos um ano ali, faremos negócios e ganharemos dinheiro’. Vocês nem sabem o que lhes acontecerá amanhã! Que é a sua vida? Vocês são como a neblina que aparece por um pouco de tempo e depois se dissipa. Ao invés disso, deveriam dizer: ‘Se o Senhor quiser, viveremos e faremos isto ou aquilo’” (Tiago 4:13-15).

O falso ensino de que se fala aqui, a saber, um que diz que os cristãos não precisam morrer fisicamente, não é comum; logo, que o texto acima baste como refutação, e continuaremos a examinar adiante a natureza da morte. Um erro principal cometido por aqueles que se apegam à falsa posição é que confundem os diferentes sentidos pelos quais se pode usar a palavra “morte”. Ela pode, naturalmente, aludir à morte física, mas com freqüência indica uma separação espiritual e um estranhamento de Deus. E, assim, a Escritura diz que Cristo nos salvou enquanto “mortos em... transgressões” (Efésios 2:5).

A morte física é o resultado do pecado: “Portanto, da mesma forma como o pecado entrou no mundo por um homem, e pelo pecado a morte, assim também a morte veio a todos os homens, porque todos pecaram” (Romanos 5:12). A questão então é, se o cristão foi salvo do pecado, por que ele deve ainda experimentar a morte física? Como mencionado acima, embora o ato de obter redenção para seu povo tenha sido completo, a aplicação plena da redenção ainda não aconteceu.

De qualquer forma, a obra redentora de Cristo alterou tanto o sentido da morte para o cristão que não devemos considerá-la como exatamente a mesma experiência que aquela do incrédulo. Naturalmente, o aspecto fisiológico pode ser o mesmo, e as almas de ambos os grupos continuam a existir após os corpos haverem expirado. Mas, do ponto de vista da conversão, a morte foi roubada de seu poder opressivo na mente do crente, de modo que toda sua perspectiva e todo seu propósito para o resto de sua vida não mais estão sujeitos a ou governados pelo temor da morte, como se dá com os descrentes. Sua vida adquire um valor real e duradouro, e suas prioridades e expectativas são drasticamente alteradas. Tudo isso pode ocorrer apenas se a morte não mais é percebida como sendo final ou amaldiçoadora; de outro modo, tudo que se faz fica sem sentido e transitório.

O exposto acima é para salientar que, ainda que o cristão não possua a imortalidade física até que Deus consuma sua redenção, num sentido muito real, ele tem vida eterna até o momento de conversão: “Eu lhes asseguro: Quem ouve a minha palavra e crê naquele que me enviou, tem a vida eterna e não será condenado, mas já passou da morte para a vida” (João 5:24). “Não ofereçam os membros do corpo de vocês ao pecado, como instrumentos de injustiça; antes ofereçam-se a Deus como quem voltou da morte para a vida; e ofereçam os membros do corpo de vocês a ele, como instrumentos de justiça” (Romanos 6:13); “Sabemos que já passamos da morte para a vida porque amamos nossos irmãos. Quem não ama permanece na morte” (1João 3:14).

Aqueles que crêem em Cristo passaram da morte para a vida. Já temos a vida eterna, e fomos tornados vivos em Cristo, de modo que a “morte”, que significa separação espiritual e estranhamento de Deus, foi abolida. Podemos agora ter comunhão com Deus. A aplicação plena da redenção a nossos corpos ocorrerá na ressurreição dos santos, quando Cristo retornar. Enquanto isso, Deus nos provê com a cura física (Tiago 5:15) como um sinal das coisas maiores por vir.

É verdade que nem todos os cristãos morrerão, visto que muitos deles estarão vivos quando Cristo vier, e “os que vivemos, os que ficamos aqui, seremos arrebatados” (1 Tessalonicenses 4:17, Vulgata[†]) para encontrar o Senhor. Nesse tempo, receberão eles seus corpos ressurretos, imortais. Paulo escreve: “Eis que eu lhes digo um mistério: Nem todos dormiremos, mas todos seremos transformados, num momento, num abrir e fechar de olhos, ao som da última trombeta. Pois a trombeta soará, os mortos ressuscitarão incorruptíveis e nós seremos transformados. Pois é necessário que aquilo que é corruptível se revista de incorruptibilidade, e aquilo que é mortal, se revista de imortalidade” (1 Coríntios 15:51-53).

Em um outro lugar, Paulo explica: “Sabemos que, se for destruída a temporária habitação terrena em que vivemos, temos da parte de Deus um edifício, uma casa eterna nos céus, não construída por mãos humanas. Enquanto isso, gememos, desejando ser revestidos da nossa habitação celestial, porque, estando vestidos, não seremos encontrados nus. Pois, enquanto estamos nesta casa, gememos e nos angustiamos, porque não queremos ser despidos, mas revestidos da nossa habitação celestial, para que aquilo que é mortal seja absorvido pela vida” (2 Coríntios 5:1-4). Note que, em certo sentido, reteremos o mesmo corpo que temos agora, mas ele será transformado em um de substância imortal e indestrutível, não mais sujeito ao pecado e à corrupção. Nossa mortalidade será “absorvida pela vida”, e seremos vestidos “com o imperecível”.

O apóstolo é cuidadoso ao observar que aqueles que já morreram não estarão em desvantagem na vinda de Cristo. Ele diz: “Irmãos, não queremos que vocês sejam ignorantes quanto aos que dormem, para que não se entristeçam como os outros que não têm esperança. Se cremos que Jesus morreu e ressurgiu, cremos também que Deus trará, mediante Jesus e com ele, aqueles que nele dormiram. Dizemos a vocês, pela palavra do Senhor, que nós, os que estivermos vivos, os que ficarmos até a vinda do Senhor, certamente não precederemos os que dormem. Pois, dada a ordem, com a voz do arcanjo e o ressoar da trombeta de Deus, o próprio Senhor descera dos céus, e os mortos em Cristo ressuscitarão primeiro” (1 Tessalonicenses 4:13-16).

[†] Na tradução portuguesa de D. Vicente Zioni (Novo Testamento Edições Paulinas).

Aqueles que já faleceram, quando Cristo vier serão ressuscitados primeiro, e então virão a seguir aqueles que estiverem vivos. A Escritura fala da ressurreição de Cristo como a garantia de que os crentes também serão ressurretos. Visto que Cristo foi ressurreto, sabemos que isso é possível, que isso foi feito, e que Deus o prometeu a todos aqueles que amam e crêem em seu Filho. Podemos ainda lamentar a perda dos queridos crentes, mas damos conta de que eles não pereceram, e que nossa separação é apenas temporária. Por conseguinte, ainda que possamos nos entristecer pela morte de um cristão, não é o que “os outros que não têm esperança” experimentam. Nosso pesar está ao mesmo tempo infundido de esperança e de uma doçura que está além da apreensão ou aquisição dos incrédulos. “Consolem-se uns aos outros com essas palavras” (1 Tessalonicenses 4.18).

Quão trágica e definitiva é a sorte daquele que morre sem Cristo! Certamente que ele suspirará por sua própria aniquilação a fim de escapar da punição que Deus infligirá sobre si. Mas, enquanto em sua vida ele puder considerar a si mesmo o capitão de sua própria alma e o senhor de seu próprio destino, na morte ele nem mesmo tem o poder de destruir a si mesmo, e deve para sempre sofrer a vingança infinita da ira divina.

A morte, para o cristão, não mais é a punição pelo pecado, ainda que signifique precisamente isso para aqueles que não crêem. Portanto, a morte de um cristão não é inconsistente com a obra redentora de Cristo em seu favor. Diz Paulo: “porque para mim o viver é Cristo e o morrer é lucro” (Filipenses 1:21). “Caso continue vivendo no corpo, terei fruto do meu trabalho” (v.22), ao passo que “partir e estar com Cristo... é muito melhor” (v. 23). Assim, para o cristão, nem esta vida nem a do porvir punem, mas uma consiste de “trabalho” frutífero, para o reino de Deus, enquanto a outra é para estar com Cristo, o que é mesmo melhor.

A morte significa a passagem do incrédulo para um estado permanente de sofrimento torturante por causa de uma vida vivida em rebelião contra Deus, porém, para o cristão, ela é simplesmente o *meio* pelo qual Deus transfere-o para um estado permanente de bênção e repouso. Apocalipse 14:13 diz: “Felizes os mortos que morrem no Senhor... eles descansarão das suas fadigas, pois as suas obras os seguirão”[‡].

Se “o morrer é lucro” para o crente, isso quer dizer que todo cristão, conseqüentemente, deveria *querer* morrer — ou seja, após uma vida de labor frutífero por Cristo. Como diz Calvino, comentando 2Coríntios 5:8: “A verdadeira fé gera não apenas um desprezo pela morte, mas um desejo mesmo por ela”.³⁷ À medida que o medo da morte subsiste em nossas mentes, produzindo o desejo de retardá-la interminavelmente, não compreendemos plenamente a mensagem do evangelho. Diz 2Coríntios 5:5-8: “Foi Deus que nos preparou para esse propósito, dando-nos o Espírito como garantia do que está por vir. Portanto, temos sempre confiança e sabemos que, enquanto estamos no corpo, estamos longe do Senhor. Porque vivemos por fé, e não pelo que vemos. Temos, pois, confiança e preferimos estar ausentes do corpo e habitar com o Senhor”.

Quando chegamos a entender o que Deus tem guardado para o cristão, também “preferimos estar ausentes do corpo e habitar com o Senhor”. Entrementes, não desejamos morrer um momento antes do que Deus designou, visto sabermos que nossas vidas lhe

[‡] Esse versículo também contraria frontalmente o dogma papista da intercessão e da intervenção dos santos nos céus em favor dos fiéis que a eles apelam na terra, para obtenção de bênçãos e favores especiais (N. do T.)

³⁷ J. Graham Miller, *Calvin's Wisdom*; Carlisle, Pennsylvania: The Banner of Truth Trust, 1992; p. 73.

pertencem totalmente e, como cristãos fiéis, entesouramos a oportunidade para estudo, evangelismo, trabalho e cuidado dos outros pelo tanto de tempo que Deus nos dá nesta terra.

Não pense na morte como se ela fosse algo a ser evitado a todo custo. Seguramente, a fraqueza de nossa estrutura pode nos levar a evitar a dor e o perigo, mas a maturidade espiritual implica numa confiança crescente na promessa divina, e que nossa compreensão da morte de um cristão dirigirá e reterá nossas almas em paz — “vivemos por fé, e não pelo que vemos”. Quando o tempo dela chegar, os cristãos devem aceitá-la como um meio para os levar à presença de Cristo.

Os incrédulos é que devem constantemente procurar evitar a morte, visto que ela, para eles, é de fato algo que precisam evitar, dado os grandes horrores que estão guardados para eles. Mas Cristo a conquistou para nós, não de modo que não tenhamos de morrer, mas que não temamos a morte, mas a saudamos, visto que depois estaremos com o Senhor. Devemos por o foco no cumprimento de nosso propósito nesta terra, servindo-o com todo nosso ser, e então ansiar por morrer e estar com Cristo. Em outras palavras, a morte é boa — muito boa — se você é um cristão.

Para evitar uma aplicação errônea dessa doutrina, devo observar que, embora a morte deva ser desejada pelo cristão no tempo certo, nossa transição para a outra vida não deve envolver uma violação voluntária dos preceitos morais de Deus de nossa parte. Visto que esses devem ser observados em todo tempo e em toda ocasião, é aplicável com respeito ao modo que alguém deva morrer. Isso significa que a posição cristã básica é contrária ao suicídio e à eutanásia. Não devotarei espaço neste ponto para discutir essas questões sensíveis e amiúde complexas, mas basta dizer que nosso entendimento da excelência da morte para o cristão deve ser aplicado corretamente, isto é, consistente com os preceitos divinos da Escritura. Visto que a vida do cristão foi infundida com propósito e sentido por Deus mesmo antes da morte, é apenas natural que deseje viver a duração toda de sua vida no serviço de Deus nesta terra.

A menos que Jesus venha antes do tempo, todos nós passaremos pela morte um dia, porém, seja de que forma for, nosso tempo na terra está limitado. Logo, devemos atentar às palavras de Cristo em João 9:4: “Enquanto é dia, precisamos realizar a obra daquele que me enviou. A noite se aproxima, quando ninguém pode trabalhar”. Comentando esse versículo, um escritor observa que ele contém “um bom argumento para persuadir a todo cristão para trabalhar enquanto durar o tempo de sua vida, pois a noite da morte virá, quando homem nenhum pode mais operar a sua salvação; mas, como cai a árvore, assim ela se deita ao chão...”³⁸

Nem todos pensam dessa maneira. Em Lucas 12, Jesus conta a seguinte parábola: “A terra de certo homem rico produziu muito. Ele pensou consigo mesmo: ‘O que vou fazer? Não tenho onde armazenar minha colheita’. Então disse: ‘Já sei o que vou fazer. Vou derrubar os meus celeiros e construir outros maiores, e ali guardarei toda a minha safra e todos os meus bens. E direi a mim mesmo: Você tem grande quantidade de bens, armazenados para muitos anos. Descanse, coma, beba e alegre-se’. Contudo, Deus lhe disse: ‘Insensato! Esta mesma noite a sua vida lhe será exigida. Então, quem ficará com o que você preparou?’” (vv. 16-20).

³⁸ *Matthew Poole's Commentary on the Holy Bible, Vol. 3; Hendrickson Publishers, p. 325.*

Muitos pensam que os problemas fundamentais da vida e da religião são para ser levados em consideração pelos velhos e aposentados, e que aqueles mais jovens devem gastar seu tempo atrás de prosperidade, relacionamentos e grandeza. E, uma vez que possuam tudo isso, devem ir obter mais. Contudo, Jesus diz que qualquer um pode morrer *hoje*, se Deus assim quiser. Todos os planos e todo o labor do incrédulo resultam então em futilidade. Jesus conclui a parábola dizendo: “Assim acontece com quem guarda para si riquezas, mas não é rico para com Deus” (v. 21). Se a morte é inevitável, e continuamos a existir após ela, então o melhor para nós é que tomemos a meta de nossas vidas ficar “rico para com Deus”, e não apenas acumular bens materiais. Nosso entendimento da morte produz tremendas implicações para o modo como conduzimos nossa vida presente.

Jesus alerta: “Cuidado! Fiquem de sobreaviso contra todo tipo de ganância; a vida de um homem não consiste na quantidade dos seus bens... A vida é mais importante do que a comida, e o corpo, mais do que as roupas” (vv. 15, 23). Em sua busca ardente por *status* social e riquezas financeiras, o homem moderno não pára para pensar sobre a vida e a morte, nem compreende mesmo essas questões da maior relevância. Tudo que sabe é construir celeiros maiores. Deus chama tal pessoa de néscia; seu fracasso em lidar com a mortalidade e a dimensão espiritual da vida cegou-o para o que realmente importa. Ele não tem resposta alguma àquelas questões, as quais todos têm de perguntar e resolver. Como criatura racional, vive, no entanto, como uma besta, com as preocupações e prioridades simplórias de um animal.

Em contraste, os cristãos têm vida, e a têm plenamente (João 10:10), de modo que, conquanto permaneçamos em Cristo, somos aptos a viver com uma perspectiva divina que faz com que o tempo presente seja cheio de sentido, enquanto preparamos nossos corações para encontrar o Senhor quando ela terminar. Paulo diz: “Mas vocês, irmãos, não estão nas trevas... Nós, porém, que somos do dia, sejamos sóbrios, vestindo a couraça da fé e do amor e o capacete da esperança da salvação. Porque Deus não nos destinou para a ira, mas para recebermos a salvação por meio de nosso Senhor Jesus Cristo. Ele morreu por nós para que, quer estejamos acordados quer dormindo, vivamos unidos a ele” (1 Tessalonicenses 5:4, 8-10).

Tenhamos mentes sóbrias, e oremos para que Deus “ensina-nos a contar os nossos dias, para que o nosso coração alcance sabedoria” (Salmo 90:12). Os cristãos precisam contemplar a morte; é sábio assim fazer. Todavia, não pensamos acerca da nossa mortalidade de uma maneira receosa, visto que Cristo nos libertou do temor dela (Hebreus 2:15). A morte não mergulha o cristão no desespero, mas a idéia é excitante e satisfaz, pois “o morrer é lucro” (Filipenses 1:21). Ainda que não mais seja opressiva ao crente fiel, a morte nos lembra que nosso tempo nesta terra está limitado e, por conseguinte, todo momento vivido em rebelião com Deus é um momento perdido, que se foi para sempre.

Talvez a Bíblia de Almeida [ERC] confunda alguns leitores com respeito a isso. Efésios 5:16 diz: “Remindo o tempo; porquanto os dias são maus”, e um versículo paralelo em Colossenses 4:5 traz: “Andai com sabedoria para com os que estão de fora, remindo o tempo”. Há um ensino que diz que Deus dará sabedoria àquele que desperdiçou a sua vida, para que ele possa “comprar de volta” o tempo perdido e, por meio da sabedoria, alcançar o lugar onde teria estado se não houvesse dissipado os momentos passados.

Isso faz muito pouco sentido, visto que subentende que, se não tenho dissipado tempo algum, Deus não poderia então me ter dado sabedoria para acelerar meu progresso. Não seria melhor se eu tivesse buscado as prioridades certas desde o início, e ainda receber sabedoria

dele para buscá-las de modo eficiente? Devemos parar de enganar a nós mesmos; tempo perdido é perdido para sempre. A não ser pela especial graça divina, alguém que esteja se empenhando pelo conhecimento de Deus e por uma vida digna de seu chamado em Cristo, sempre irá mais adiante espiritualmente que aquele que se demora por causa de rebelião e pecado. Mas Deus, de fato, é mui misericordioso, assim, não sofreremos sempre o efeito completo de nossa negligência.

Em todo caso, parece que tal ensinamento não teria surgido se alguém simplesmente houvesse examinado outras traduções. A NVI assim traduz o versículo: “aproveitando ao máximo cada oportunidade, porque os dias são maus” (Efésios 5:16), e “Sejam sábios no procedimento para com os de fora; aproveitem ao máximo todas as oportunidades” (Colossenses 4:5). Não são poucas as doutrinas falsas que se originaram de tal negligência. Paulo não está dizendo aos seus leitores que Deus ajudá-los a compensar o tempo perdido; mas, visto que eles já são cristãos, está dizendo: “Andem em sabedoria! Aproveitem o máximo de seu tempo *já!*”

Levemos em conta os versículos adjacentes de Efésios 5: “Tenham cuidado com a maneira como vocês vivem; que não seja como insensatos, mas como sábios, aproveitando ao máximo cada oportunidade, porque os dias são maus. Portanto, não sejam insensatos, mas procurem compreender qual é a vontade do Senhor” (vv. 15-17). Devemos viver nossas vidas sabiamente, tirando o máximo de nosso tempo. Essa é uma geração maligna, portanto, não sejamos tolos, agindo como incrédulos, mas compreendamos e obedeçamos aos preceitos divinos. A vida nesta terra deve consistir de trabalho frutífero (Filipenses 1:22) para Deus.

Alguns podem pensar que, uma vez que viveremos com Deus para sempre, é razoável focalizar as coisas materiais agora, e somente começar a por o foco nas questões espirituais quando nos aproximarmos da morte, ou mesmo após essa! Uma aplicação consistente da verdade bíblica exige a conclusão oposta — visto que nossa existência continua depois da morte, e visto que não podemos levar quaisquer posses ou realizações materiais para a outra vida (Jó 1:21), focalizemos as questões divinas e acumulemos riquezas espirituais.

A Bíblia também indica que o que fazemos nesta vida influenciará nossa situação na outra (Mateus 25:14-30; 1Coríntios 3:11-15), já que haverá um julgamento quando experimentarmos a transição para a nova criação; portanto, sejamos sábios e vivamos *coram deo*, como perante a face de Deus — agora, e não depois. Os cristãos que, neste momento, vivem como ateus, e só planejam viver a fé que professam após terem obtido algum objetivo carnal, alcançado algum nível de estabilidade mundano, ou quando se aproximarem da morte, estão enganando a si próprios. Tal pensamento pode indicar que a vida divina não está neles; eles nunca foram regenerados. Deus bem pode lhes conceder conversão genuína em um tempo posterior (2Timóteo 2:25), porém, enquanto isso, devemos avaliá-los à luz das palavras de Cristo: “Pois onde estiver o seu tesouro, aí também estará o seu coração” (Mateus 6:21).

Ora, a conclusão de toda a matéria é: “Tema a Deus e obedeça aos seus mandamentos, porque isso é o essencial para o homem. Pois Deus trará a julgamento tudo o que foi feito, inclusive tudo o que está escondido, seja bom, seja mau” (Eclesiastes 12:13,14).